



Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 124 • Nº 2.127 • Junho 2006

Respeitemos a Natureza

*“Muitos flagelos
resultam da
imprevidência
do homem.”*

Veja nesta Edição:

As Revelações e as interpretações
É o Espiritismo um Panenteísmo?

R\$ 5,00

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008

FAMÍLIA,
VIDA
e PAZ

Lançamento



Um registro histórico para reflexão sobre a evangelização espírita infanto-juvenil.

Autora: Cecília Rocha

Páginas: 84

Formato: 16x23cm

Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 124 / Junho, 2006 / N° 2.127

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-Substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretária: SÔNIA REGINA FERREIRA ZAGHETTO

Gerente: AMAURY ALVES DA SILVA

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAI AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n° 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polí-

cia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febnet.org.br>

E-mail: feb@febrasil.org.br e

webmaster@febnet.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa:

Sumário

4 Editorial

12 Presença de Chico Xavier

A Terra – *Emmanuel*

13 Entrevista: Olga Lúcia E. Freire Maia

Convivência e Unificação

21 Esflorando o Evangelho

Comer e beber – *Emmanuel*

26 Conselho Espíritos Internacional

Assunção sedia Reunião do CEI

32 A FEB e o Esperanto

Centenários esperantistas em 2006 – *Affonso Soares*

38 Conselho Federativo Nacional

Reunião da Comissão Regional Nordeste

42 Seara Espírita

5 As Revelações e as interpretações

– *Juvanir Borges de Souza*

9 Consciência Plena – *Joanna de Ângelis*

15 Na grande escola – *Maria Dolores*

16 Perda de tempo – *Richard Simonetti*

18 Reações da Natureza – *Jorge Hessen*

22 É o Espiritismo um Panenteísmo? –

Humberto Schubert Coelho

25 Somos antigos – *Leonardo Machado*

29 Em dia com o Espiritismo – A música faz bem a saúde? – *Marta Antunes Moura*

34 Simbiose espiritual – *Mauro Paiva Fonseca*

36 Educação e fé – *Inaldo Lacerda Lima*

37 XI Congresso Espírita Colombiano



O Espiritismo e a Verdade

Um dos maiores desafios que Allan Kardec enfrentou na codificação da Doutrina Espírita foi o de separar, no trato com a manifestação dos Espíritos, o que era efetivamente verdadeiro, do que era apenas opinião pessoal dos Espíritos comunicantes.

Estudando o fenômeno mediúnicamente com acurado afinho, reconheceu que estava diante de um fato. E como todo fato tem suas leis, caberia ao pesquisador sincero aprofundar a sua análise visando o seu correto conhecimento, a fim de utilizá-lo de forma adequada. Com este pensamento, empenhou o resto da sua existência nesse trabalho, descortinando para os homens o mundo dos Espíritos.

Sabedor de que o mundo espiritual é habitado por Espíritos de diferentes níveis de conhecimento e moralidade, tal como ocorre entre os homens, utilizou o método do controle universal dos ensinamentos dos Espíritos – descrito na Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo* –, para encontrar a verdade revelada pelos Espíritos Superiores. Esse método consiste em só aceitar como verdade o que é manifestado por diversos Espíritos, através de vários médiuns, em distintos lugares, e submeter, ainda, essa manifestação ao crivo da razão, verificando se o ensino transmitido não conflita com os demais princípios que vão sendo gradativamente consagrados.

Jamais aceitou como verdadeira uma afirmação pelo simples fato de ter sido atribuída a um Espírito de renome, pois compreendeu, desde o início, que qualquer comunicante pode adotar o nome que lhe aprouver, passando por um Espírito elevado, e abusando da boa-fé dos homens.

Com este cuidado, Allan Kardec materializou na Terra o Consolador Prometido por Jesus, que ficará eternamente conosco: “O *Espírito de Verdade*, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós.” (João, 14:17.)

Fiel à busca da verdade, Allan Kardec deixou, no século XIX, uma Doutrina solidamente construída, que venceu os desafios decorrentes dos avanços da Ciência no século XX, avanços estes que vêm confirmando os ensinamentos dos Espíritos Superiores, colhidos pelo Codificador no seu nobre e metuculoso trabalho.

As Revelações e as interpretações

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Os Espíritos Superiores apresentaram o Espiritismo como a Terceira Revelação das verdades e das leis divinas.

A Primeira Revelação, recebida por Moisés no Monte Sinai, está formulada nos dez mandamentos que serviram de base e fundamento para a legislação de todos os povos, até os tempos atuais.

A Segunda Revelação é representada pelo Cristo de Deus, o Governador Espiritual deste Planeta.

Seus ensinamentos e seus exemplos, confirmando as revelações iniciais, desenvolvem os princípios dos deveres dos homens para com o Criador e para com seus semelhantes. “Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo” resume toda a lei e os profetas, nas palavras do Mestre Incomparável. É uma síntese admirável e profunda.

O Espiritismo, a Terceira Revelação das Leis Divinas, representa os ensinamentos trazidos à Humanidade por Espíritos Superiores, à frente do Espírito de Verdade, confirmando a promessa do próprio Cristo,

quando se refere ao “outro Consolador” que Ele pediria ao Pai para ser enviado aos homens.



Moisés e a tábua dos Dez Mandamentos

Assim como o Cristo afirmou – “não vim destruir a lei, mas cumpri-la” – referindo-se às revelações anteriores, o Espiritismo, o Consolador, também não vem destruir as verdades trazidas à Humanidade, mas sim confirmá-las, desenvolvê-las e explicá-las em seus sentidos alegóricos, tantas vezes mal interpretados, revelando coisas novas

que dizem respeito ao mundo espiritual e seu relacionamento com o mundo das formas.

Essas noções claras da sucessividade das revelações, que os espíritas estudiosos conhecem e aceitam, levam à seguinte indagação: se as Revelações sucessivas não se desmentem nem se contradizem, sendo as anteriores confirmadas pelas posteriores, por que então as divergências religiosas, por vezes inconciliáveis, no decorrer dos séculos e dos milênios, gerando tantas incompreensões?

A resposta não é simples, já que existem várias causas geratrizes das discordâncias.

A Humanidade tende para a unidade divina, como observa Paulo, o apóstolo (questão 1009 de *O Livro dos Espíritos*), sujeita que está à lei do progresso, que incide sobre toda a Criação.

Mas o progresso não se faz uniformemente em todos os Espíritos que compõem a Humanidade. Uns progredem mais rapidamente que outros, tanto em conhecimentos quanto nos sentimentos. ▶

O orgulho, o egoísmo e a presunção da sabedoria de muitos homens têm levado diversas religiões e filosofias a imporem suas crenças e idéias a seus seguidores e adversários.

No passado, guerras religiosas concorreram com guerras de conquistas.

Assim, a pretensão de superioridade leva à presunção de infalibilidade e ao desejo de impor idéias, inclusive pela força.

O exclusivismo, transformado em sistema, repele tudo o que é contrário à sua opinião. Somente o progresso moral das criaturas humanas será capaz de transformar esse característico negativo de grandes parcelas dos habitantes deste planeta de expiações e de provas.

De outro lado, o dogmatismo e as falsas interpretações soterraram, pelos séculos e milênios, a verdadeira significação da letra das Escrituras Sagradas, em muitas de suas passagens.

O Cristo foi claro e incisivo ao declarar que não vinha destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento.

A lei existente procedia de Moisés e Jesus mostrou claramente que não era cumprida em sua real significação. Por isso procurou interpretá-la corretamente, através de novos ensinamentos e exemplos.

Entretanto, não foi entendido, mas rejeitado pela maioria da população, inclusive pelos chefes da religião dominante. Perseguido e preso, acabou crucificado.

Esse foi o maior exemplo que a História registrou de como a presunção, aliada à ignorância, pode

prevalecer transitoriamente sobre a Verdade e a Justiça, em um mundo inferior como o nosso.



Nas duas primeiras Revelações pode-se perceber, com relativa facilidade, que a linguagem utilizada pela Espiritualidade Superior é, muitas vezes, emblemática, justamente para facilitar o entendimento daqueles homens apegados à vida material.

A utilização das figuras, das representações materiais era necessária para o entendimento de criaturas rudes, com dificuldades naturais para a percepção da significação superior, espiritual, de muitos dos ensinamentos.

Jesus utilizou largamente as parábolas, os símbolos e as representações materiais em suas lições ao povo e aos seus apóstolos.

Mesmo os discípulos nem sempre entendiam o sentido velado dos ensinamentos, pedindo explicações adicionais que o Mestre aditava.

Esse método apresentava a vantagem de atender não somente aos aprendizes daquela época, mas também aos do futuro, desde que não houvesse distorções no entendimento.

Todo ensino metódico e eficaz deve partir do conhecido para o desconhecido.

Para o materialismo, o conhecido é a matéria.

Há que se partir, pois, de elementos materiais para mostrar e demonstrar ao materialista que há nele algo que escapa e transcende às leis da matéria.

No decorrer dos milênios houve progresso acentuado no mundo. As ciências diversas concorreram para isso. Inúmeras descobertas transformaram a vida dos habitantes da Terra no campo da tecnologia, da educação, da saúde, dos transportes, das comunicações, do ensino, da alimentação.

A inteligência e os sentimentos do homem evoluíram, tornando-o mais sensível às novas condições de vivência com as quais se depara o Espírito ao renascer neste mundo.

Por isso a Terceira Revelação, o outro Consolador prometido e enviado pelo Cristo, não mais necessita da linguagem emblemática largamente utilizada nas Revelações anteriores.

Os Espíritos Reveladores utilizam agora linguagem simples e direta na apresentação das verdades e realidades, sem prejuízo das comparações de ordem material, quando necessárias, ou ilustrativas.

A Verdade e as realidades dos Planos Espirituais, antes apresentadas sob alegorias e representações diversas, são atualmente oferecidas pela Doutrina dos Espíritos de forma clara e inteligível pelo homem comum.

A interpretação das Escrituras, especialmente dos Evangelhos, pela Espiritualidade Superior, tendo à frente o Espírito de Verdade, é uma das contribuições do Consolador, poupando os homens de tarefa que os fatos demonstraram estar acima de sua capacidade.

A palavra do Alto aos habitantes deste planeta representa um auxílio, um programa divino de excep-

cional importância para toda a Humanidade. Mas é necessário o perfeito entendimento das mensagens superiores, sem as alterações oriundas da ignorância ou das interpretações distorcidas.

O que ocorreu com o Cristianismo nos dá a medida da importância da significação real da Mensagem do Cristo, substituída pelas distorções interpretativas dos homens, que acabaram prevalecendo no mundo, com as conseqüências conhecidas. Prevendo o que viria a ocorrer, Jesus prometeu a vinda futura do Consolador para repor as coisas em seus devidos lugares.

•

Os textos bíblicos foram escritos em línguas antigas – hebraico e grego – e traduzidos para o latim e para as línguas atuais.

O estudioso Severino Celestino da Silva, em sua excelente obra *Analisando as Traduções Bíblicas*, informa em suas “Considerações Preliminares” que “a tradução dos textos da Bíblia hebraica (Tanách), alguns textos gregos da Septuaginta e outros do latim na Vulgata, foram analisados, tendo como base principal a língua hebraica. Algumas passagens foram estudadas, mostrando as distorções que ocorreram a partir das traduções para as línguas grega e latina”.

Se nas primeiras traduções para o grego antigo e para o latim, línguas mais ricas que a hebraica, ocorreram distorções do original, o que pensar das outras traduções

para as línguas atuais, baseadas na Septuaginta e na Vulgata?

Eis o que informa ainda o autor citado, à pág. 14 da referida obra:

“A falta de fidelidade encontrada nos textos traduzidos para nossa língua fizeram-me recordar a carta que São Jerônimo escreveu ao papa Dâmaso sobre a tradução da Bíblia do grego para o latim, tradução esta que passou a se chamar Vulgata.

Eis o contexto da carta:

Da velha obra me obrigais a fazer obra nova. Quereis que, de alguma sorte, me coloque como árbitro entre os exemplares das Escrituras que estão dispersos por todo o mundo, e, como diferem entre si, que eu distinga os que estão de acordo com o verdadeiro texto grego. É um piedoso trabalho, mas é também um perigoso arrojo, da parte de quem deve ser por todos julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido.

Qual, de fato, o sábio e mesmo o ignorante que, desde que tiver nas mãos um exemplar (novo), depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou

um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros?

Um duplo motivo me consola desta acusação. O primeiro é que vós, que sois o soberano pontífice, me ordenais que o faça; o segundo é que a verdade não poderia existir em coisas que divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus.” – (São Jerônimo – Tradutor da Vulgata – Bíblia em latim.)

O trecho da carta acima transcrito é uma confissão do tradutor da Vulgata de que falsificou, acrescentou, substituiu e corrigiu os originais traduzidos, tudo por ordem do soberano pontífice da Igreja a que servia, no final do IV século, princípio da Idade Medieval.

Daí para o futuro o Cristianismo autêntico, a Mensagem do Cristo para toda a Humanidade, seria adaptada aos interesses de uma instituição humana sequiosa de poder e de decisão, que substituiu

Jesus pregando aos discípulos



muitos ensinamentos do Mestre Incomparável por regras ou dogmas por ela criados.

O desvirtuamento da Mensagem do Cristo levou à cisão o movimento cristão no mundo, quando a Igreja, que já se encontrava dividida em Católica Romana e Oriental, viu-se contestada pela Reforma, no princípio do século XVI.

O movimento reformista, por sua vez, subdividiu-se em diversas igrejas denominadas *protestantes*, cada qual com sua interpretação dos textos das Escrituras.

Esse quadro resumido da evolução do Cristianismo no mundo mostra os desvios impostos pelos homens no entendimento da Verdade, trazida pelo Cristo.

Demonstra também quanto é difícil a percepção das coisas novas por criaturas que não chegaram a determinado grau evolutivo e que se deixam dominar pela orientação de outras.

De tudo isso ressalta a sabedoria e a previsão do Cristo, quando se referiu ao outro Consolador que o Pai enviaria para ficar eternamente com os homens, para ensiná-los todas as coisas e lembrar seus ensinamentos.

Comenta o Codificador da Doutrina Espírita, com sua lógica e segurança: “[...] Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou malcompreendido.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, 3. ed. especial, FEB, cap. VI, item 4, p. 156.)

O Consolador, o Espiritismo, está no mundo e vem cumprir a promessa do Cristo.

Vem proporcionar aos homens a percepção de coisas novas, desvendando o futuro e a vida eterna do Espírito imortal em mundos materiais e espirituais.

Agora, a linguagem dos Espíritos Reveladores é simples e direta, sem os meandros das figuras e das alegorias, já que a capacidade de compreensão evoluiu muito.

Com o Consolador, os sofrimentos e as dores tornam-se compreensíveis aos sofredores, que adquirem a certeza de uma Justiça superior e infalível determinando as consequências das ações de cada um.

Afasta a idéia do inferno eterno, do diabo, de satanás, do céu de delícias, todas criações figurativas

das religiões do passado que se projetaram até os nossos dias.

O conhecimento da Doutrina Consoladora e sua aceitação sincera desenvolve no espírita uma fé inabalável no futuro, pela certeza de que a vida não cessa jamais e pode repetir-se aqui mesmo, na Terra, em sucessivas reencarnações, ou em outras esferas materiais e espirituais.

O objetivo é sempre a busca da evolução e da felicidade. Para isso, cada criatura necessita conscientizar-se de seus deveres perante as Leis Divinas, que a conduzirão ao termo do caminho.

É do Espírito de Verdade uma série de comunicações e instruções de alto significado esclarecedor e consolador que se encontra no capítulo VI, item 5, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. São esclarecimentos que merecem ser sempre relidos e meditados por todos nós, espíritos. ■



A cepa é “o emblema do trabalho do Criador”, como consta em *O Livro dos Espíritos*, “Prolegômenos”

Consciência plena

Modernos cientistas da área da neurofisiologia, pesquisando a meditação por meio de eletroencefalógrafos e outros equipamentos ultra-sensíveis, conseguiram detectar alterações significativas no cérebro durante o período em que os voluntários se entregam ao profundo mergulho no êxtase. Após análises cuidadosas e reflexões profundas, concluíram que a consciência, além dos seus três estados convencionais – de vigília, de sono profundo e de sonho – apresenta um outro especial, que foi denominado como o *quarto estado*, pouco definido até o momento.

Por outro lado, as experiências de quase morte ou mesmo de morte aparente têm oferecido um fantástico contributo em material demonstrativo da independência do Espírito ao corpo físico, após eliminados os fenômenos da imaginação excitada por convicções religiosas e outras, merecendo elevada consideração.

Anteriormente reconhecidos como delírios, resultado de algumas drogas alucinógenas, da anóxia cerebral, terminam por demonstrar que a *consciência* não permanece adstrita exclusivamente à organização fisiológica, embora expressando-se por seu intermédio.

Pacientes em cuidadoso tratamento cirúrgico, impossibilitados de qualquer tipo de lucidez, têm relatado fatos que ocorrem durante os procedimentos, e outros que acontecem mesmo fora do ambiente da sala onde têm lugar, distantes do alcance da percepção fisiológica, constatados como verdadeiros, que aumentam a credibilidade em torno da independência do ser ao organismo físico, assim oferecendo constructos novos à Ciência.

Mesmo quando têm sido tentadas explicações como as de natureza arquetípica junguiana, a vasta cópia de sucessos ultrapassa as heranças do *inconsciente cole-*

tivo para somente serem reconhecidas como de natureza espiritual, dando lugar ao surgimento de uma *neuroteologia*.

Tudo quanto ocorre no ser humano naturalmente decorre do acesso às atividades de uma ou mais áreas do conjunto cerebral, incluindo os notáveis fenômenos da meditação, das experiências de quase morte, das mortes clínicas, demonstrando que esses equipamentos neurofisiológicos foram elaborados para a exteriorização desses acontecimentos, sem os quais permaneceriam desconhecidos...

O Espírito pois é o agente, o acionador dos fenômenos orgânicos, por sua vez experimentando os impositivos que dele resultam.

É fácil verificar-se a interdependência dos dois elementos – espírito e matéria – quando se observam o apagar da memória, o desconcerto da mente e das emoções, os distúrbios da consciência, em pacientes portadores de enfer-

midades degenerativas irreversíveis. Os destrambelhos da maquinaria impedem a transmissão correta das faculdades da alma que, por sua vez, em muitos casos sofre as conseqüências desses distúrbios, dessa forma reparando males praticados em outras existências, nas quais se originaram as perturbações agora carpidas.

A memória, particularmente, é de grande significado na vida humana, porquanto ela responde pela identidade do ser perante a vida e todos os seus programas. Nessas ocorrências degenerativas, o seu gradual apagar constitui-se em verdadeira provação para o enfermo tanto quanto para os familiares que lhe perdem o contato, distanciando-se da razão e da realidade...

Nada obstante, alguns bolsões do materialismo preservam os comportamentos ancestrais, quase em desvario, num

preconceito absurdo, sem levar em conta as contínuas demonstrações da realidade espiritual do ser humano.

Blaise Pascal, o eminente cientista francês, há quase quatrocentos anos asseverou que o *ateísmo é uma doença*. É certo que essa *doença* tem atravessado os últimos séculos guindada à posição de soberana presunçosa, mantendo as tentativas inúteis de reduzir o ser humano ao pó do qual se teria originado.

Embora os graves dislates das religiões e dos seus profíctos, que têm gerado conflitos e dores inumeráveis, ao materialismo se devem também incontáveis males que vêm atormentando a criatura e a sociedade, que não acreditando no futuro espiritual, aproveitam-se da válvula de escape, a fim de permitir-se todos os desequilíbrios imagináveis e crimes hediondos que envergonham a História.

É certo que existem nobres exceções, como ocorre em toda ge-

neralização. No entanto, que pode oferecer o ateísmo a alguém que sofre as angústias da separação pela morte do ser humano querido, as constrictões agônicas das conjunturas difíceis, sejam econômicas, sociais, raciais, morais?! O espiritualismo, no entanto, oferece esperanças e segurança para o enfrentamento das situações perversas e ingratas, confirmando através das experiências da imortalidade a continuação da vida além do túmulo.

Curiosamente, os fenômenos de quase morte, por sua vez, têm conduzido os pacientes aos estados de consciência moral, compatíveis com os seus níveis de evolução espiritual. Nas *mortes* naturais, por acidentes de várias procedências, ocorrências cirúrgicas ou doenças prolongadas, as visões que os surpreendem, nesse *quarto estado de consciência*, se mantiveram uma existência digna, comprometida com a moral e a ética, exercitando o bem e o dever, fazem-se caracterizar por bênçãos, nas quais sempre



surge alguém – Jesus, Buda, Guia espiritual, Anjo da guarda, de acordo com a sua crença religiosa – que, após dialogar, elucida quanto à necessidade de retorno. Alguns vivenciam a viagem através de um túnel de luz ou defrontam uma grande luz que os espera, de onde sai a voz orientadora. No entanto, quando se trata de tentativa de suicídio, um quase homicídio gerado pelo próprio indivíduo, as visões fazem-se terríficas, abismos insondáveis abrem-se diante dos seus olhos amedrontados, figuras satânicas agridem-nos, retornando ao corpo em grande angústia e dissabor...

Embora profíctes de religiões diversas ou destituídos de qualquer crença religiosa, os relatos são iguais no seu conteúdo, demonstrando que procedem de uma e única realidade.

Os dados catalogados são perfeitamente idênticos às revelações mediúnicas de todos os tempos, particularmente aquelas que vêm do período da Codificação Espírita e sua fecunda abordagem.

É claro que o cérebro, tendo evoluído através das centenas de milhões de anos, graças à modelagem trabalhada pelo perispírito do ser imortal, organizou-se com equipamentos muito delicados para bem decodificar a imortalidade, a causalidade da vida e todas suas ocorrências.

Entre o cérebro reptiliano e o neocórtex, o conjunto límbico racional é o veículo que transmite as heranças ancestrais que man-

têm o ser humano na Terra, ao tempo em que recebe da camada nobre onde se encontram *os sinais de Deus*, embora ainda de difícil compreensão, facultando o desenvolvimento da consciência no rumo do seu quarto estado, que denominaríamos como o de consciência plena.

A lei de Deus está escrita na consciência, definidora de comportamentos e ações

Os estímulos mentais que resultam da aceitação e convivência com esse algo divino, que é o Espírito, favorece a produção de dopamina e noradrenalina, que favorecem a existência com a alegria de viver, a compreensão do processo de evolução. Essas chamadas *substâncias da felicidade* são produzidas pelo ser espiritual através da estimulação dos neurônios que as secretam...

Nesse sentido, o ser transita pelos diferentes níveis de consciência, despertando do letargo

ancestral e identificando os mais elevados que fruirá, à medida que se liberte das mazelas, das heranças do passado, que tiveram significado e foram úteis no seu momento, agora totalmente superadas.

O discernimento em torno do que pensar e de como agir conferir-lhe-á um arsenal de resistências para autovencer-se, conquistando a consciência de paz.

Os Espíritos sublimes, que elaboraram a Codificação Espírita, foram muito sábios, quando responderam ao lúcido Coligidor Allan Kardec que a *lei de Deus está escrita na consciência*, definidora de comportamentos e ações dos transeuntes pelo carreiro carnal, rumando na direção da sua plenitude.

Essas admiráveis conquistas das neurociências lentamente se transformam na eficiente e oportuna terapia para a *doença do ateísmo* quando, então, os fatos dobrarem a cerviz dos mais recalitrantes negadores.

Por fim, o ser humano alcançará o *quarto estado de consciência* ou nível cósmico, irmanando todas criaturas, umas com as outras, em abençoado elã da verdadeira fraternidade.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúcnica da noite de 26 de janeiro de 2006, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)



A Terra

A Terra é um magneto enorme, gigantesco aparelho cósmico em que fazemos, a pleno céu, nossa viagem evolutiva.

Comboio imenso, a deslocar-se sobre si mesmo e girando em torno do Sol, podemos comparar as classes sociais que o habitam a grandes vagões de categorias diversas.

De quando em quando, permutamos lugar com os nossos vizinhos e companheiros.

Quem viaja em instalações de luxo volta a conhecer os bancos humildes em carros de condição inferior.

Quem segue nas acomodações singelas, ergue-se, depois, a situações invejáveis, alterando as experiências que lhe dizem respeito.

Temos aí o símbolo das reencarnações.

De corpo em corpo, como quem se utiliza de variadas vestiduras, peregrina o Espírito de existência em existência, buscando aquisições novas para o tesouro de amor e sabedoria que lhe constituirá divina garantia no campo da eternidade.

Podemos, ainda, filosoficamente, classificar o Planeta, com mais propriedade, tomando-o por nossa escola multimilenária.

Há muitos aprendizes que lhe ocupam as instalações, na expectativa inoperante, mas o tempo lhes cobra caro a ociosidade, separando-os, por fim, de paisagens e criaturas amadas ou relegando-os à paralisia ou à cristalização, em largos despenhadeiros de sombra.

Outros alunos indagam, dia e noite... e, com as perquirições viciosas, perdem os valores do tempo.

Imaginemos um educandário, em cuja intimidade comparecessem os discípulos de primária iniciação, exigindo retribuições e homenagens, antes de se confiarem ao estudo das primeiras lições.

O menino bisonho não poderia reclamar escla-recimentos, quanto à congregação que dirige a casa de ensino onde está recebendo as primeiras letras.

E, ante a grandeza infinita da vida que nos cerca, não passamos de crianças no conhecimento superior.

Vacilamos, tateamos e experimentamos, a fim de aprender e amearhar os recursos do Espírito.

Compete-nos, assim, tão-somente, um direito: – o direito de trabalhar e servir, obedecendo às disciplinas edificantes que a Sabedoria Perfeita nos oferece, através das variadas circunstâncias em que a nossa vida se movimenta.

Ninguém se engane, julgando mistificar a Natureza.

O trabalho é divina lei.

Pesquisar indefinidamente, na maioria das vezes é disfarçar a preguiça intelectual.

A vida, porém, é ciosa dos seus segredos e somente responde com segurança aos que lhe batem à porta com o esforço incessante do trabalhador que deseja para si a coroa resplendente do apostolado no serviço.

Pelo Espírito **Emmanuel**

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 8, p. 39-41.

Convivência e Unificação

Olga Lúcia Espíndola Freire Maia, presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, ressalta a importância de se realizar um trabalho unificado, com base na convivência

Reformador: *Como a senhora se envolveu com o trabalho de Unificação?*

Olga: Senti-me envolvida com o trabalho de Unificação após as primeiras participações nas reuniões da Comissão Regional Nordeste do Conselho Federativo Nacional. Realizadas pela Federação Espírita Brasileira, essas reuniões permitem que o trabalhador possa entender a urgência e a importância de se realizar um trabalho unificado. Em *Viagem Espírita em 1862*, p. 85, Allan Kardec nos chama a atenção para um impositivo essencial: *Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa [...]*.

A pergunta contém a ação-chave para se realizar a tarefa unificadora, o envolvimento. Contudo, para que nos envolvamos com alguma coisa é preciso entender sua relevância. É comum vermos o trabalhador isolado em sua Casa Espírita, estudando o Espiritismo, mas desconhecendo a importância de participar do Movimento Espírita. Esta realidade precisa ser trabalhada pelos dirigentes. É necessário que atentemos para uma grave situa-

ção: apaixonamo-nos pela Doutrina, entretanto, só cogitamos em servi-la de acordo com nossos interesses imediatistas. Exercemos a caridade com empenho, disponibilizamos-nos à reforma íntima; todavia, não resistimos à primeira contrariedade e fugimos, alheios e inconseqüentes, esquecidos dos inolvidáveis exemplos dos Trabalhadores da Primeira Hora, que se doaram heroicamente, conquistando a palma de Trabalhadores do Bem, por suportarem com rara bravura o assédio do mal. Depois que descobri a importância de se trabalhar em prol da Unificação, abracei esta idéia, considerando-a como um dos meus mais sérios compromissos para com a Doutrina que escolhi para servir a Jesus. A Ele rogo as bênçãos necessárias para me vencer a cada novo dia.

Reformador: *Qual o número de Centros e de Entidades Assistenciais no Estado do Ceará?*

Olga: São 96 Casas filiadas à Federação Espírita do Estado do Ceará. Entretanto, mesmo as Casas não filiadas participam conosco do Movimento Espírita. *Re-unir* é, indiscutivelmente, outro grande desafio no trabalho unificador, a nos requisitar tempo e paciência... Um dia entenderemos Bezerra de Menezes quando, carinhosa e paternalmente, nos lembra que “isolados seremos apenas pontos de vista” [Mensagem “Unificação”, psico-



grafada por Francisco Cândido Xavier, em 1963].

Reformador: *Como funciona o trabalho de Unificação no Ceará?*

Olga: A Unificação é muito falada, pouco entendida e vivenciada. Temos notícias de Vianna de Carvalho, pelejando para congregar a família espírita de nosso Estado. Com o passar do tempo, muitas almas persistentes, em verdadeiras lições de abnegação e firmeza de propósitos, suportaram inúmeras dificuldades e lutas acerbadas para fincar a Bandeira do Consolador Prometido na Terra da Luz. Não podemos nos esquecer de Benvido da Costa Melo que, após um difícil período vivido pelo Movimento Espírita cearense, reuniu um grupo de trabalhadores e fundou a FEEC, reintegrando o Ceará ao Conselho Federativo Nacional e viabilizando decisiva ação unificadora.

Hoje, o trabalho de Unificação continua sendo o grande desafio, do qual não nos é lícito afastar, ignorar e, muito menos, adiar. Em 2006, a Federação Espírita do Estado do Ceará tem como “carro-chefe” o Programa “Estação Kardec – Ano II”, com o tema central “Kardec e o Trabalhador de Unificação”.

A primeira ação desse Programa contou com a participação de Divaldo Pereira Franco, que realizou um Seminário direcionado exclusivamente aos trabalhadores, dirigentes e coordenadores de todo o Estado, abordando o tema “O Espírita e o Compromisso para com a Casa Espírita”. Estamos direcionando nossos melhores esforços com o

objetivo de reunir o maior número de trabalhadores das casas espíritas, filiadas ou não, para participarem de seminários, de cursos, de encontros, objetivando a integração do Movimento Espírita e a unificação dos procedimentos básicos.

Reformador: *O que considera importante para a Unificação?*

Olga: A convivência é de vital importância. Como unificar, se não nos unimos? Como unir, se não nos conhecemos? Como nos conhecer, se não nos encontramos? No ano de 2005, inspirada em Leopoldo Machado, a FEEC reprogramou a Caravana da Fraternidade no sentido de fazer acontecer vários encontros do Movimento Espírita cearense. Observando o asseverado em *O Livro dos Médiuns* (capítulo XXIX, item 334), foram organizadas visitas entre as Uniãoes Distritais Espíritas (UDEs), objetivando formar o núcleo da grande Família Espírita. A FEEC vem realizando outras decisivas ações de unificação. Empenhou-se em convidar antigos trabalhadores de nosso Movimento Espírita para se reintegrarem ao trabalho federativo, inclusive no interior do Estado, onde se encontra grande dificuldade para todos os Dirigentes Federativos. Uma ação decisiva para a Unificação, e que muito nos fortaleceu, foi a aproximação com a Federação Espírita Brasileira e com as Federativas do Nordeste. Constatamos, imediatamente, o enorme benefício que esta aproximação traz para qualquer Federação, por maior e bem estruturada que seja. A unificação é um sonho que precisa se

realizar. Para isto, necessitará de muitos corações dedicados. Estamos conscientes de que é um trabalho lento, contudo, urgente. Difícil, mas não impossível. Árduo, não obstante cheio de encantos. Precisamos envidar todos os esforços ao nosso alcance a fim de orientar, de esclarecer, de reunir, de capacitar, de envolver aqueles que divulgam o Espiritismo, realizando um verdadeiro trabalho de “Evangelização”, que objetiva expulsar definitivamente de nossos corações a atitude de personalismo, que nos faz desperdiçar as mais sagradas oportunidades de servir a Jesus, tendo em vista que, fascinados pelo interesse pessoal, o que mais freqüentemente fazemos é servir a nós mesmos, sem ter, essencialmente, contribuído para o trabalho com o qual nos comprometemos antes de reencarnar.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o Espírito de Verdade nos convida ao “divino concerto”, como a nos lembrar que só unidos poderemos transformar o nosso mundo... Que nossas mãos “tomem a lira”, e nossas vozes se unam! Este é o único caminho para que possamos verdadeiramente *fazer a vontade do Pai, que está no Céu*.

Reformador: *Quais as ações e reflexos das comemorações do Bicentenário de Kardec em seu Estado?*

Olga: As comemorações do Bicentenário de Allan Kardec foram promovidas em pequenos e grandes momentos, na Federação, nas Uniãoes Distritais, nas Alianças Regionais e na intimidade das casas espíritas. A Federação Espírita do

Estado do Ceará abriu oficialmente as comemorações do Bicentenário realizando, em 2004, um Congresso que teve por tema “A atualidade de Allan Kardec” e contou com a participação de Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira, para um público de 1.600 adultos e 400 jovens. Encerramos as referidas comemorações em novembro de 2005, por ocasião do X CONECE – Congresso Espírita do Estado do Ceará –, com o tema central “À Luz do Espiritismo”. Contudo, a FEEC escolheu como ação principal para homenagear nosso Codificador o Programa “Estação Kardec – Ano I”, tendo por tema “O Centro Espírita segundo Allan Kardec”. Foram realizadas inúmeras visitas, na capital e no interior, levando às casas espíritas debates acerca do modelo de Kardec, para trabalharmos o Centro Espírita. Os reflexos destas ações só poderão ser sentidos com o tempo. Esperamos, sinceramente, que estes esforços tenham contribuído para que aqueles que simplesmente acreditavam nos fenômenos possam ter-lhes descortinado a face moral. Os que já conseguiam ver o conteúdo filosófico, mas só o aplicavam aos outros, tenham sido ajudados para o aplicarem a si mesmos; semeando, para dentro de seus corações, a própria reforma. E, por fim, tenham aumentado o número daqueles que se esforçam sinceramente em praticar a moral espírita: será este o melhor e mais verdadeiro tributo ao valoroso trabalhador do Cristo, que veio com a missão de preparar o Mundo de Regeneração. ■

Na grande escola

Por vezes, alma querida,
Recolhes-te ao desalento,
Como quem traz fogo lento
No imo do coração...
Não te detenhas, no entanto,
Trabalha, medita e escuta:
Não há vitória sem luta
Nas sendas de elevação.

Na grande escola da vida,
De quanto anoto e conheço,
Toda alegria tem preço,
Seja na Terra ou no Além;
Ama e crê, serve e perdoa,
A dor que te desafia
É bênção de cada dia,
Degrau de ascensão ao bem.

Não te lastimes. Trabalha.
Fita o próprio mundo em torno,
O trigo morre no forno
Para ser pão a servir;
A argila desaparece,
Sob tensão desumana,
Fazendo-se porcelana,
Enriquecendo o porvir.

Assim também, tempo afora,
Ajuda, apóia, esclarece,
Acende a chama da prece
E segue à frente, alma irmã!...
Por mais triste seja a noite,
Que te envolve a caminhada,
Nas luzes da madrugada,
O dia volta amanhã.

Maria Dolores

Fonte: XAVIER, Francisco C. *A vida conta*. São Paulo: CEU, 1980. Cap. 21, p. 66-67.

Perda de tempo

RICHARD SIMONETTI

Se você me perguntar, prezado leitor, qual o móvel das ações humanas, não serei nem um pouco original ao responder que é o anseio de felicidade.

Também não é nenhuma novidade que raros a encontram, não que esteja aquém das possibilidades humanas, mas, simplesmente, porque as pessoas parecem ter perdido o caminho que a ela conduz.

Voltaire (1694-1778), o irreverente filósofo francês, definia bem essa situação:

Os homens que procuram a felicidade são como bêbedos que não conseguem encontrar a própria casa, mas sabem que têm uma.

A felicidade deveria ser um estado natural, como uma casa aconchegante que nos abriga, proporcionando-nos proteção e bem-estar.

Afinal, por que nos sentimos infelizes, se temos por Pai um Deus de infinito Amor e Misericórdia, que trabalha incessantemente por nós?

Que representam percalços, dores e atribulações da existência humana, senão instrumentos de depuração, preparando-nos para glorioso destino?

O problema é que nos perdemos em desvios de entendimento. Prevalece, na sociedade humana, com raras exceções, um comportamento que engloba duas concepções:

- Hedonismo

A existência orientada para a busca do prazer, envolvendo gas-

tronomia, cinema, televisão, sexo, viagens, álcool, cigarro...

- Utilitarismo

O empenho por ganhar dinheiro em atividades comerciais e profissionais para atender às exigências do... prazer.

Tudo o que fuja dessa orientação é considerado *perda de tempo*.

Impensável retornar aos bancos escolares, cogitar de reciclagem e aprendizado, a não ser que o objetivo seja ampliar a própria eficiência e produzir mais e melhor, de forma *utilitária*, em benefício do *hedonismo*.

Por isso, quando convidado a participar de uma atividade de caráter espiritualizante, há quem refugie, alegando falta de tempo, para não cometer a indelicadeza de exprimir a convicção de que é *pura perda de tempo*.

Interessante, neste particular, lembrar uma expressão de Rousseau (1712-1778) em sua obra maior, *O Emílio*:

Ousarei expor aqui a mais importante, a maior, a mais útil regra de toda a educação.

É não ganhar tempo, mas perdê-lo.





Considerando que a educação é, basicamente, o aperfeiçoamento integral de todas as aptidões humanas, diríamos que é preciso aprender a *perder tempo*, mesmo sob o ponto de vista utilitário.

Somente assim conseguiremos desenvolver algo que costumamos negligenciar, mas que é fundamental, em favor de nosso bem-estar: a conquista dos valores espirituais.

Acima do homem físico, envolvido com a dimensão material, contida nos estreitos limites do imediatismo terrestre, há o Espírito imortal, que não mergulhou na carne para atender a simples objetivos utilitários ou hedônicos.

Há um motivo bem mais importante.

Estamos aqui para evoluir!

Poderíamos definir esse objetivo como o aprimoramento de nossas faculdades intelectuais e morais, partindo do *homo sapiens* para o *homo angelicus*, do ser pensante para o ser angélico.

Para que isso aconteça é preciso *perder tempo*, mergulhando nos porquês da Vida, definindo os caminhos que devemos trilhar, avançando nos domínios da virtude e do conhecimento.

•

Quanto ao hedonismo, há uma observação genial, de Barbey D'aureville, romancista francês (1808-1889):

O prazer é a felicidade dos loucos. A felicidade é o prazer dos sábios.

A sabedoria que faz a verdadeira felicidade consiste em procurar o prazer em atividades que representem alguma aquisição para a nossa alma, não importando a idade, sem comprometimentos físicos ou espirituais.

Lamentável, nesse particular, quando a pessoa dá por encerrado o *expediente da vida*, desinteressando-se de qualquer iniciativa, principalmente daquelas que dizem respeito à nossa condição de Espíritos imortais.

É preciso conservar a vivacidade, o ideal de aprender, de dobrar experiências, cultivando o prazer de ampliar horizontes.

Do alto de seus oitenta e cinco anos, um senhor contestava:

– Ah! Meu filho! Tudo isso é muito bonito, mas não serve para mim. Já fiz o que tinha de ser feito. Agora estou em tempo de balanço!

Seria ótimo que estivéssemos todos em permanente avaliação existencial, procurando eliminar defeitos e conquistar virtudes.

O problema é que ele se referia não ao *balanço da existência*, mas à cadeira de balanço.

E dizia permanecer em expectativa, à espera do momento em que vestiria o *pijama de madeira* para morar na *cidade dos pés juntos*.

Não entendia que lá ficarão apenas nossos ossos.

Espíritos imortais, iremos habitar outros planos do Infinito, compatíveis com as virtudes e os conhecimentos desenvolvidos na Terra.

Portanto, sempre é tempo para algo aprender, no empenho permanente por vencer as próprias limitações, buscando os prazeres mais nobres, que envolvam nosso aprimoramento moral e espiritual.

A propósito, leitor amigo, convidando-o à reflexão sobre a felicidade, o substrato do prazer, um provérbio chinês:

Se você quiser ser feliz por uma hora, tire uma soneca.

Se quiser ser feliz por um dia, vá pescar.

Se quiser ser feliz por um mês, case-se.

Se quiser ser feliz por um ano, herde uma fortuna.

Mas, se quiser ser feliz pela vida inteira, ajude o próximo. ■

Reações da Natureza

JORGE HESSEN

O famoso físico Stephen Hawking, em seu livro intitulado *O Universo numa Casca de Noz*, expõe de forma instigante que: *Uma borboleta batendo as asas em Tóquio pode causar chuva no Central Park de Nova Iorque.*¹ Como ele mesmo explica, *não é o bater das asas, pura e simplesmente, que gerará a chuva, mas a influência deste pequeno movimento sobre outros eventos em outros lugares é que pode levar, por fim, a influenciar o clima.*²

Chama-nos atenção a sequência de catástrofes naturais que têm ocorrido nos últimos tempos. *Estimativas não-oficiais apontam para o desencarne [sic] em massa de mais de 30 mil pessoas, sendo que mais de 100 mil pessoas perderam suas casas, importando num dos maiores cataclismos que atingiram o Irã, similar ao ocorrido em setembro de 1978.*³ Seja com o tsunami na Indonésia, que arrasou

tantas cidades e provocou tanta destruição, seja com os furacões que se reúnem num conselho de deuses feito de ventos e raios no golfo do México e se conjugam no Katrina, que sai cheio de ira e de energia, invade países e termina destruindo Nova Orleans [seria influência das “borboletas” humanas destroçadas no Iraque?] ou ainda o Rita, com a mesma fúria, e, agora, o terremoto da Caxemira, no Paquistão, região de confronto com a Índia, onde forças estão em permanente vigília para guerrear e, de repente, unidas pela desgraça, deixam as armas, ocupam as ambulâncias e se unem pela solidariedade.⁴

Devido a esses estrugidos da natureza, surgem em várias partes do mundo grupos de pessoas fanáticas que criam seitas e cultos estranhos, abandonam emprego, família, à espera do “juízo final”. *Só na França, conforme a Revista*

ISTOÉ, de 4 de agosto de 1999, há cerca de 200 delas, com 300 mil adeptos. No Japão, vários “gurus” prevêem o “final do mundo”. Nos Estados Unidos, 55 milhões de americanos acham que falta pouco para o mundo acabar. Para esses, os furacões que têm destruído a região central do país são anjos enviados para punir os homens, anunciando o “grande final”.⁵

Não é nada confortador o surgimento de pessoas com essas estranhas crenças que se multiplicam mundo afora, obscurecidas na razão pela expectativa de uma “nova era”. Até mesmo nas hostes espíritas têm surgido alguns livros com idéias que induzem a muitos incautos ao pânico ou à hipnose catastrofista do *quanto pior melhor*.

Nos dias atuais, ante a lei de causa e efeito não precisamos posuir o talento de premonição para vaticinar sobre o panorama

terrestre para muito breve. Os terremotos, os furacões, as inundações, as erupções vulcânicas e outras catástrofes naturais são uma parte inevitável do pulsar da Natureza. Isto não quer dizer que não possamos fazer alguma coisa para nos tornarmos menos vulneráveis. *Aprender com as catástrofes de hoje para fazer frente às ameaças futuras*⁶ – recordamos Kofi Annan, secretário-geral da ONU, ressaltando que cabe a todos nós retirar lições de cada tragédia. Em muitas situações onexo causal entre a catástrofe e a ação humana acha-se presente. Os homens alteram a composição geológica com escavações, desmatamentos, aterros e outros mais, e sua imprevidência acaba gerando as ocorrências das mencionadas catástrofes “naturais”.

Nessa conjuntura de medo pressagia-se alguma situação sobre um próximo cenário terreno em total marasmo. Sabe-se nas universidades européias que a poluição de veículos automotores no Velho Continente mata mais do que acidentes de trânsito. Percebe-se o vigor da expansão do consumo das drogas, a banalização do comportamento sexual veiculado por revistas, jornais, televisão, cinema, teatro, videocassete, TV a cabo, computador, etc.

Discute-se a legalização das drogas, cita-se o desemprego estrutural (resultante do fenômeno globalizante), comenta-se a ruptura da ordem, etc. Especula-se sobre a sombria previsão da drástica redução do manancial de água

potável para daqui a quatro décadas. Acerca disso alguns estudiosos prevêem conflitos mundiais, tendo como elo de causa a corrida pelo controle do líquido vital. *Nós nos acostumamos sempre a ouvir que o Brasil não tem terremotos nem tufões. Mas não esqueçamos a seca, tão cruel quanto aqueles e que, agora, na terra das águas, chega ao Amazonas. Os rios estão secando ali, onde existe 12% da água doce da Terra.*⁷

Sabemos com Kardec que os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que são considerados como uma perturbação dos elementos, não são de causas imprevisíveis, pois *tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.*⁸ E os cataclismos *às vezes têm, como imediata razão de ser, o homem. Na maioria dos casos, entretanto, têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.*⁹

Enquanto as penosas transições do século XXI se anunciam ao tilintar das moedas, ecoando nas bolsas de valores, as forças espirituais reúnem-se para a grande reconstrução do porvir. Aproxima-se o momento em que se efetuará a aferição de todos os valores morais terrestres para o ressurgimento das energias criadoras de um mundo novo. Nessa jornada a lição de Jesus não passou e não passará jamais. Na luta dolorosa das civilizações Ele é a luz do princípio e nas suas mãos repousam os destinos da Terra.

Nesse mundo só tereis aflições,

mas tende bom ânimo [disse o Mestre], *Eu venci o mundo.*¹⁰ Nesse aviso constatamos que realmente assim é a vida neste planeta, em que para uma hora de alegria ou felicidade temos dias e dias de tristeza e dor. Assim mesmo continuamos vivendo dia após dia, confiantes em que somos Espíritos eternos, criados para a excelsitude espiritual.

Os pessimistas insistem sempre em considerar que a maneira negativa e sombria de perceber as coisas do mundo é uma forma realista de viver. Na verdade, se olharmos a vida com muita emoção (distantes do raciocínio) vamos encontrar motivos que nos abatem os ânimos em qualquer lugar e em qualquer situação; crianças carentes, fome universal, guerras, violência urbana, seqüestros, carestia, insegurança social, corrupção, acidentes catastróficos e por aí afora. Entretanto, é um dever para com nosso bem-estar estarmos adaptados à vida, com o que ela tem de bom e de ruim, sem necessariamente contemporizarmos com tudo. Estar preocupado significa estarmos sempre procurando melhorar as condições atuais, fazer alguma coisa a fim de mudar a situação para melhor. Essa preocupação é uma atitude sábia e desejável.

Lembremos que sempre há tempo para a prática dos códigos evangélicos, condição única que determinará a grande transformação global do futuro. Será o final do mundo velho, deste mundo regido pelo preconceito, pelo orgu-

É o Espiritismo um Panenteísmo?

HUMBERTO SCHUBERT COELHO

Tanto para a filosofia quanto para a teologia e também para o misticismo, a relação entre Deus e a Substância do Universo é um dos pontos mais relevantes para uma teoria da religião.

Antes mesmo de considerar as implicações morais da existência de Deus enquanto supremo legislador, é preciso investigar teoricamente as “condições de Sua existência”, tarefa que ocupou filósofos e teólogos desde o início dos tempos, uma vez que destas concepções derivam os conceitos e o entendimento da relação homem–Deus, Deus–Mundo, Deus–destino, e outras implicações que constituem o cerne da Religião.

Para se ter idéia da importância deste assunto, lembramos que o ateísmo é fruto da revolta contra uma péssima imagem de Deus, o Deus humano e exterior, escondido em algum recanto dos céus. Uma compreensão filosófica simplista ou deturpada da natureza de Deus pode portanto resultar nos maiores absurdos quanto à interpretação de sua influência no Mundo, gerando doutrinas baseadas no medo, na expectativa, na dicotomia da vida, que resultam invariavelmente em angústia, descrença e rebeldia.

Ainda na raiz das tradições religiosas mais avançadas da Antigüidade, tais quais as da Índia, do Egito, da Mesopotâmia, da Judéia e da Grécia, vê-se uma multiplicidade de perspectivas que variam entre o dualismo radical, doutrina que se manifesta ainda nas igrejas cristãs arcaicas e no islamismo institucional, até as manifestações monistas mais complexas.¹

Na tradição ocidental, o dualismo, doutrina que opera irreconciliável cisão entre espírito e matéria, Deus e Mundo, normalmente opondo-os, ocasionando inclusive desprezo e demonização do aspecto terreno da existência, foi sempre associado ao antropomorfismo e a aspectos mais populares da Religião. E a idéia de dois mundos, o dos deuses e o dos homens, com distintas naturezas, casou-se perfeitamente com a idéia de deuses humanóides, com traços físicos e psicológicos similares aos humanos.

Por sua simplicidade estas idéias ganharam terreno em todas as culturas, enquanto os princípios mais espiritualizados da Religião perma-

neceram nos cultos iniciáticos. De espírito simples, os homens daquele tempo, como muitos de hoje, precisavam representar por imagens fortes e distintas as duas esferas da realidade humana, usando a imaginação para preencher as lacunas de conhecimento sobre a vida espiritual, e opondo de maneira simplista os “dois mundos”, como se fossem antagônicos, e não se dividiam também os deuses em forças do mal e do bem, do Céu e da Terra, estando esta última invariavelmente entregue ao mal.

Mesmo nos textos de Platão, malgrado sua compreensão da matéria como cópia de modelos arquetípicos preexistentes, o que denota um monismo de princípio, nota-se uma certa depreciação do elemento material como impuro e oposto ao Bem.

Tal idéia colabora com a imagem de um Deus separado, alheio ao mundo material, como se a este não houvesse também criado e nele não se revelasse.

Foi decerto no Egito e na Índia que surgiu a idéia do Pan-en-teísmo,² expressão criada no século

¹Doutrinas que professam a unidade e conexão de todas as coisas a partir de sua origem em Deus.

²Pan=tudo; Teo=Deus. Pan-en-teísmo literalmente significa Tudo em Deus.

XIX por Karl C. F. Krause para designar a compreensão filosófica de Deus sempre presente e atuante na Natureza, como mantenedor e vivificador eficaz e perene de tudo o que existe. Não confundir com a doutrina do Panteísmo, que afirma que “Tudo-é-Deus”, e que foi rejeitada pelos Espíritos nas questões 15 e 16 de *O Livro dos Espíritos*, pois a afirmação de que tudo seja Deus gera decréscimo ou de Deus ou do homem a algo sem individualidade definida, visto que sendo a mesma coisa um dos dois torna-se atributo do outro.

De um ponto perdido no tempo a Índia e o Egito parecem ser os nascedouros da religião filosófica, e por nosso registro cultural ocidental somos obrigados a nos concentrar no segundo, de onde parte a ciência e a sabedoria de nossa tradição. As marcas que o faraó Amenófis IV, o Akhenaton, e Hermes Trismegisto deixaram para a posteridade nos indicam a sombra da sabedoria egípcia em seu esplendor original.

Fundamentado na consciência clara da ligação entre todas as coisas da Natureza, sua dependência direta de Deus, o Sol dos mundos, o Vivificador de Tudo, Trismegisto proclama que todas as coisas são uma substância desprendida de Deus, e que as diferenças existentes entre as manifestações desta emanção se devem ao teor vibratório que elas atingiram, ou seja, o grau em que se agitam impulsionados pela crescente *Vontade* que todos os seres possuem, a força da vida que cresce neles até

torná-los plenos de vida, pensamento, ação.

Após o contato com o Egito os judeus transformaram a sua crença patriótica do deus guerreiro numa religião avançada e espiritualizada. Embora a imagem antropomórfica apareça em alguns livros da *Bíblia*, a Cabala hebraica conserva, no conceito de Ensof, a idéia de que Deus vive e atua em todos os lugares, todos os seres, todos os povos.

Na Gália, na Península Ibérica, na Bretanha, na Germânia e nos Balcãs adoravam-se os carvalhos, as flores, os porcos, os cervos e os trovões como divinos que são, obras das forças harmônicas e presentes em tudo que eles não conceituavam mas pressentiam como sendo a própria Natureza e o próprio Universo.

Orfeu, poeta grego da era pré-clássica, bebeu dessa fonte e trouxe à Grécia tanto a teoria da metempsicose quanto a visão de um Universo animado e sustentado pela Vontade Absoluta.

Pitágoras aprendeu de Orfeu e dos próprios sacerdotes egípcios, com os quais viveu cerca de trinta anos, chegando a um extrato bastante puro da antiga sabedoria. Entendeu que as diversas substâncias do mundo se diferenciam pelo grau de complexidade que atingiram, que uma harmonia perfeita se manifesta na Natureza como Leis, e na mente como Razão.

Sócrates e Platão coroam o ensinamento antigo pré-cristão com a moralização da doutrina panenteísta, vendo Deus como Sol das almas, a Verdade alcançável pelo in-

telecto virtuoso e conhecedor de si mesmo, que lança luz sobre as sombras dos vícios e ilusões, extinguindo-os. Pregam a reforma da personalidade como via de regeneração da natureza real da alma e divulgam a essência da filosofia antiga para toda a coletividade.

Faltava ainda ao mundo o exemplo da vitória completa da personalidade e da possibilidade de se chegar a uma virtude e pureza divinas. Quando Jesus veio ao mundo a Humanidade viu que a luz divina pode brilhar através de um de nós. Vislumbrou-se o destino das criaturas terrenas e a meta do longo progresso. Seus apóstolos dão testemunho registrado de sua doutrina e vida. Resguardadas as diferenças intrínsecas entre as duas esferas de existência, os apóstolos nos dizem que “vivemos e nos movemos em Deus”, que “nós somos deuses”, que “os mansos herdarão a Terra”, tudo isso referindo-se a *este* mundo. Uma visão bem diferente do pessimismo dualista que o enxerga como maldito e impuro.

Os heróis da Era Cristã tentaram resgatar a pureza e a sublimidade da idéia filosófica de Deus, que se apagou sob o jugo da Igreja de Roma, malgrado os esforços de Plotino e da Escola de Alexandria no início da Era Cristã. Francisco de Assis viu pedras, animais e plantas como seres divinos. Na Renascença uma série de intelectuais, sendo Bruno o maior deles, reavivam as doutrinas da sabedoria antiga, do infinito, dos muitos mundos habitados, do Deus que se mostra em

todas as coisas. A Reforma, nas mãos de Hus e Lutero, proclama uma vida cheia de Deus, a simplicidade dos evangelhos e a liberdade da consciência – dom divino que dignifica o homem e faz dele verdadeira imagem de Deus.

Na modernidade Paracelso, Böhme, mestre Eckhart, Espinosa e Leibniz defenderam a idéia da unidade fundamental do Mundo como substância emanada de Deus, em distintos graus de perfeição, mas em harmonia entre si no Todo da Natureza. A revolução silenciosa da Religião na Europa, ao contrário de suas lutas intestinas em espaço público, levou quatro séculos para atingir seu apogeu na poesia de Goethe e na filosofia de Hegel, na Alemanha, e culminar na sistematização da Doutrina Espírita, na França.

A Doutrina Espírita nos diz que o Espírito também é composto de

matéria, embora quintessenciada, que a vida dorme no mineral, para atravessar progressivamente as carreiras vegetal e animal até despertar plenamente na inteligência do Espírito. André Luiz nos diz, em *Evolução em Dois Mundos*, que o Universo é a condensação do hausto do Criador. León Denis nos fala claramente em *Depois da Morte*:

“[...] O que a Ciência derruiu para sempre foi a noção de um Deus antropomorfo, feito à imagem do homem, e exterior ao mundo físico. Porém, a essa noção veio substituir uma outra mais elevada, a de Deus, imanente, sempre presente no seio das coisas. [...]”

Sim, o Espiritismo é também um panenteísmo, pois afirma que tudo promana de Deus, e portanto tudo é bom e divino. O desprezo pela matéria é despropositado em nossa Doutrina. Ela também nos diz,

como a antiga sabedoria, que vivemos e nos movemos em Deus. ■

Bibliografia:

DENIS, León. *Depois da morte*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte Segunda, cap. “Os grandes problemas”, item IX, “O Universo e Deus”, p. 118.

DURANT, Will. *A história da filosofia*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *O livro de ouro dos heróis da história*. São Paulo: Ediouro, 2001.

KARDEC, Allan. *A gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

_____. *O livro dos espíritos*. 11. ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

REALE, Giovanni e ANTISERI Dario. *História da filosofia*. Vol. II. São Paulo: Paulos, 1990.

XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz. *Evolução em dois mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1977. Primeira Parte, cap. I, “Fluido Cósmico”.



Somos antigos

LEONARDO MACHADO

A Humanidade vem passando por um momento, realmente, singular. Nunca fora tão grande o seu desenvolvimento intelectual. E mesmo analisando-se o aspecto moral, vemos que, se de um lado existe a guerra, produto do egoísmo humano, por outro há intenso movimento de busca pela paz, resultado de um amor latente que já começa a despertar no ser. Porém, é de se questionar como se deu esse processo de transmissão do saber e do sentir, entre as gerações.

A Ciência, especialmente a Genética, com as suas heranças monogênicas e multifatoriais, não encontrou, até o presente momento, um gene específico responsável pela transmissão do intelecto, muito menos do moral. Eis por que é difícil entender, sob a ótica materialista, como pais simplórios podem ter filhos geniais, ou como pais cobertos de valores éticos podem ter filhos com sérios distúrbios comportamentais.

Os espiritualistas, que são todos aqueles, de diversas religiões, que vêem além da matéria grosseira, admitem a existência de uma causa maior para o problema da existência. Contudo, não conseguem muitas vezes compreender ao certo o porquê de questões co-

mo essas aqui levantadas, pois que consideram o início da existência do ser como sendo o começar da vida terrena.

Nesse sentido, como entender a diferença dos homens de hoje para os homens de outrora? Se os genes, respectivamente, da intelectualidade e da moralidade não existem, e se somos criados todos, Espíritos imortais, no momento da concepção material, por que somos diferentes de nossos ancestrais? Deveríamos, segundo essas óticas, ser iguais, começando de um mesmo patamar, e não mais sábios que eles.

Esclarecendo essas perguntas, encontramos, de forma iluminada e sábia, as palavras de Allan Kardec, em *A Gênese*, um dos livros do pentateuco espírita, no cap. XI, item 33, quando argumenta que “[...] sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos da barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos [...]”.

Se essas almas são tão novas, todo o progresso que uma geração atingira teria que ser refeito pela geração subsequente, a me-

nos que esses mesmos progressos, de inteligência e de moralidade, fossem transmitidos de gerações para gerações pelos genes. Entretanto, tais genes não existem.

Sendo assim, nós, Espíritos que estamos em tempos mais civilizados, não fomos criados mais perfeitos do que os nossos antepassados, pois que Deus é justo e a todos cria, de forma igual, tampouco recebemos tais conquistas em nossos genótipos. Na realidade, somos antigos, e por isso hoje estamos mais aperfeiçoados, visto que adquirimos conhecimentos e aprendemos a amar em diversas reencarnações. Eis por que Kardec, mais à frente, na mesma parte do citado livro, conclui ser essa “a única explicação plausível da causa do progresso social”.

Pitágoras já sabia da reencarnação. Sócrates e Platão, também. Orígenes, igualmente. E a Doutrina Espírita vem lembrá-la, pois que a mesma se encontra explicitada em Jesus, quando o Mestre diz: “Eu vos declaro que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então os discípulos entenderam que lhes falara de João Batista”. (Mateus, 17:12-13.) ■



Assunção sedia Reunião do CEI



Abertura da Reunião: O secretário-geral do CEI presta esclarecimentos

A 11ª Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional, desenvolveu-se em Assunção, Paraguai, nas dependências do *Gran Hotel del Paraguay*, contando com o apoio do Movimento Espírita Paraguai, nos dias 21 a 23 de abril de 2006. Esta reunião internacional foi concomitante com a realização da 3ª Semana Espírita da mesma cidade.

O evento do CEI foi aberto com saudação feita por Gloria Avalos de Ynsfrán (Paraguai) e a prece proferida por Olof Bergman (Suécia), responsável pela sua direção. Após

esclarecimentos prestados pelo secretário-geral do CEI, Nestor João Masotti, passou-se à saudação pelos representantes dos países.

Integração de novas Entidades no CEI

Foram aprovadas as integrações, com direito a representação plena: União Espírita Alemã; como instituições observadoras: *Asociación Civil de Proyección Moral* (CIPROMO), de Tegucigalpa, Honduras; *Asociación Civil Sócrates*, da cidade de Barquisimeto, Venezue-

la; *Franciscan Spiritist House*, de Sidney, Austrália, e *Allan Kardec Spiritist Group*, de Nova Zelândia.

Relato de atividades

Os representantes de 28 países relataram as atividades realizadas e programadas: Hênia Seifert (Alemanha); Amélia Antonio Cazalma (Angola); Juan Antonio Durante (Argentina); Glória Collaroy (Austrália); Charles Kempf (representando a Bélgica); Eduardo Nanni (Bolívia); Altivo Ferreira (Brasil); Gérman Tellez (Colômbia); Odette

Lettelier (Chile); Carmen Agramonte (Cuba); Edwin Bravo (representando El Salvador); Freddy Auléstia León (Equador); Salvador Martín (Espanha); Charles Kempf (França); Edwin Bravo (Guatemala); Elsa Rossi (representando a Holanda); Nancy Calderón (Honduras); Luis Hu Rivas (representando o México); Maria Euny Herrera Masotti (representando a Noruega); Glória Collaroy (representando a Nova Zelândia); João Dalledone (Reino Unido); Enrique Baldovino (representando a Itália); Jorge Segovia (Paraguai); David Ochoa (Peru); Olof Bergman (Suécia); Gorete Newton (Suíça); José N. Vasquez López (Venezuela); Eduardo dos Santos (Uruguai).

Pela Comissão Executiva do CEI, o secretário-geral Nestor Masotti informou sobre o programa de edição de livros de Allan Kardec e de Francisco Cândido Xavier, em vários idiomas, destacando os recém-lançados livros de André Luiz, em francês. Prosseguem as edições de *La Revue Spirite* em francês e em espanhol, esta última com tiragem de

dez mil exemplares; haverá edições próximas em esperanto e em inglês, e a edição em russo está disponível apenas na página eletrônica. O Curso de Capacitação de Dirigentes Espíritas, realizado em Brasília, em julho de 2005, por sugestão do Conselho Espírita da América do Norte, produziu repercussões positivas. Antonio Cesar Perri de Carvalho relatou experiência de Seminários de Capacitação de Dirigentes Espíritas realizados em Montreal, Washington, Londres, Paris, Nova York e Guayaquil. Está se ampliando o trabalho do CEI pela Internet.

Houve análise e considerações sobre os resultados decorrentes do 4º Congresso Espírita Mundial promovido pelo CEI, em Paris, em outubro de 2004, e esclarecimentos por Oceano Vieira de Melo sobre o lançamento dos DVDs de Allan Kardec e do referido Congresso.

5º Congresso Espírita Mundial

Este evento, promovido pelo CEI, com apoio da Confederação

Espírita da Colômbia (CONFECOL), está programado para a cidade de Cartagena de Índias, na Colômbia, de 10 a 13 de outubro de 2007. Ricardo Lequerica (coordenador da comissão organizadora do Congresso) apresentou a proposta geral do evento, que ocorrerá no Centro de Convenções de Cartagena de Índias, tendo como tema central “Doutrina Espírita: 150 Anos de Luz e Paz”.

Coordenadorias de Apoio ao Movimento Espírita

Os relatos sobre as Reuniões das Coordenadorias e suas principais atividades foram feitos por Charles Kempf (Europa), Edwin Bravo (América Central e Caribe), Fabio Villarraga (América do Sul). Na ausência justificada do Coordenador da América do Norte, Cesar Perri apresentou informações sobre o 1º Congresso Médico-Espírita dos Estados Unidos, programado para os dias 7 e 8 de outubro de 2006, em Washington. ▶

Representantes dos países-membros do CEI (I)





Representantes dos países-membros do CEI (II)

Encontros e Seminários pelo CEI

Nestor Masotti fez considerações sobre o andamento destas ações. O Curso do CEI, realizado em Brasília, em julho de 2005, foi um marco para o planejamento e estímulo de ações em vários países. Apresentação por Cesar Perri sobre os Seminários já realizados e os programados para este ano: Portugal, Espanha, EUA (Flórida e Califórnia), Inglaterra e na Reunião da Coordenadoria do CEI-Europa (22 de setembro).

Difusão do Livro Espírita

O secretário-geral do CEI falou sobre as traduções realizadas e em andamento e informou que o CEI está atuando em várias frentes, a fim de viabilizar as obras de Kardec, de André Luiz e de Emmanuel, em vários idiomas. O importante é divulgar o livro espírita, mantendo fidelidade ao seu texto original. Desenvolve-se um processo de reestruturação administrativa do

CEI, para ensejar a edição de obras espíritas.

Difusão da Doutrina Espírita pela Internet

Apresentação por Luis Hu Rivas do projeto “Difusão Mundial do Espiritismo”, que inclui a dinamização da página eletrônica do CEI, a utilização da televisão via Internet (*web tv*) e de rádio espírita, com eventos ao vivo.

Esperanto

Ismael de Miranda e Silva falou sobre os congressos de Esperanto e sobre o papel que vários tradutores de obras espíritas estão realizando, principalmente em países do leste europeu.

Propostas e sugestões

O CEI aprovou as seguintes realizações, por proposta da FEB:

a) a adoção das Campanhas *Viver em Família*, *Em Defesa da Vida* e *Construamos a Paz Promovendo o Bem!*, após várias manifestações favoráveis; ressaltando-se o relato de

Gloria Ynsfrán de que se utilizou dos materiais das citadas Campanhas para a realização da 3ª Semana Espírita, de Assunção, tendo como tema “A Família, a Vida e... a Paz”;

b) a recomendação para que as Entidades integradas ao CEI promovam comemorações alusivas aos 150 anos da publicação de *O Livro dos Espíritos*, durante o ano de 2007.

Foi definido que na próxima Reunião do CEI será colocada em pauta a análise sobre o planejamento de suas reuniões e atividades.

Próxima reunião

Será realizada na cidade de Cartagena de Índias (Colômbia), nos dias 14 e 15 de outubro de 2007, em seguida ao encerramento do 5º Congresso Espírita Mundial. O assunto principal será o tema do Sesquicentenário “Doutrina Espírita – 150 Anos de Luz e Paz”.

Após as saudações e considerações finais, feitas pelos representantes dos países, houve apresentação musical típica e uma emocionante prece de encerramento foi proferida, em idioma guarani, por Gloria Ynsfrán. ■

Em dia com o Espiritismo

A música faz bem à saúde?

MARTA ANTUNES MOURA

A Ciência responde à pergunta de forma afirmativa. Trata-se, obviamente, de músicas selecionadas, capazes de movimentar energias inimagináveis, favorecedoras da harmonia física e psíquica. Nesta situação, a pessoa se sente mais equilibrada quando escuta, por exemplo, *O cravo bem temperado*, de Bach, *A Flauta Mágica*, de Mozart, *A Nona Sinfonia* de Beethoven, ou a *Sagração da Primavera*, de Igor Stra-

vinski, cujas vibrações elevadas possuem “[...] infinitos encantos para os Espíritos [...]”¹

Os efeitos da música sobre a saúde são conhecidos desde a Antigüidade. Em papiros egípcios, escritos há mais de 2.500 anos a.C., existem relatos de prescrições médicas que recomendavam a música como meio de favorecer a fertilidade feminina. Os egípcios associavam a música aos processos de cura, à indução hipnótica e

aos estados de transe. A música para Platão (428-347 a.C.) é “o remédio da alma”. Shakespeare (1564-1616), famoso dramaturgo e escritor inglês, aconselhava na abertura da sua peça *Noite de Reis*: “Se a música é o alimento do amor, continuem tocando”. Goethe (1749-1832) só escrevia sob a audição de sinfonias, as quais, no seu entender, representam “a fonte do pensamento e do sentimento puros”. ▶



Nos dias atuais, existem cientistas que analisam metodicamente o cérebro humano, procurando entender os benefícios que certos, acordes musicais produzem na manutenção ou na recuperação da saúde. A Doutrina Espírita esclarece, porém, que os benefícios (ou malefícios) da música ocorrem em nível do Espírito e não do corpo físico: “[...] A alma é apta a perceber a harmonia [musical], excluindo todo o concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz sem o concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que a alma possui: quanto mais desenvolvido ele, tanto melhor percebe ela a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma, que a percebe em relação com o desenvolvimento desse sentido. [...]”²

A utilização da música como instrumento terapêutico é prática relativamente recente. Ocorreu pela primeira vez nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra Mundial, quando um grupo de psiquiatras constatou o poder calmante que algumas músicas exerciam em neuróticos e psicóticos de guerra. Nascia, dessa forma, a musicoterapia, uma ciência paramédica que utiliza a música e seus elementos constituintes (ritmo, melodia, harmonia, movimentos, etc.) com objetivos terapêuticos.

O professor Hermann Rauhe, da Universidade de Hamburgo, estudioso do assunto, pede prudência no uso da terapia musical, afirmando a existência de pesquisas científicas que apontam para o efeito nocivo de certas músi-

cas: “O despejar contínuo de certas estruturas musicais duras, como o *acid rock*, durante horas de lazer não é apenas capaz de nos fazer adoecer, como também pode ser a causa de certos tipos de conhecimento serem totalmente apagados do nosso cérebro. Podem provocar enfartos cardíacos e até arteriosclerose”. A Doutrina Espírita justifica esta assertiva, informando que “[...] nos graus inferiores, essas harmonias são elementares e grosseiras [...]”³ O Espírito Lamennais, em mensagem mediúnicamente, também esclarece que “[...] a música vulgar faz vibrar os nervos, nada mais [...]”⁴

A musicoterapia é uma profissão de natureza multidisciplinar, constituída por profissionais – psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, enfermeiros, educadores, etc. – que atuam em conjunto com os médicos. Os musicoterapeutas lidam com uma gama variada de enfermos, desde os que apresentam dificuldades motoras e emocionais leves aos portadores de patologias graves (autismo, doenças mentais, cânceres) ou de lesões cerebrais degenerativas (mal de Alzheimer e paralisia cerebral). A profissão se firmou com os trabalhos realizados na Universidade da Califórnia, na década de 90. Pesquisadores desta instituição desenvolveram um interessante estudo sobre os benefícios da música clássica e erudita no organismo humano. Esta pesquisa,

conhecida como “o efeito Mozart”, submeteu voluntários à audição de músicas de Mozart, durante dez minutos por dia. Os resultados foram surpreendentes, destacando benefícios na saúde dos doentes e melhoria do desenvolvimento cognitivo.

“O efeito Mozart”, termo cunhado por Alfred A. Tomatis, causou algumas controvérsias no universo científico da época porque nem todos os pesquisadores conseguiram reproduzir a pesquisa.

No entanto, entre 1993 e 1997, o neurobiólogo americano Gordon Shaw desenvolveu método de pesquisa específico em que associou o computador a aparelhagem médica sofisticada. Testou o efeito das músicas de Mozart no cérebro humano e analisou, em seguida, o tipo de estímulo produzido no organismo humano. Para efeito de con-





sistência científica, Shaw e equipe utilizaram apenas uma peça musical de Mozart, a *Sonata para dois pianos em ré maior* (K448). Estes cientistas conseguiram mapear áreas do cérebro, ativadas pela música do compositor austríaco, com o auxílio de aparelhos de ressonância magnética e processos lógicos de computação eletrônica. Perceberam, então, que a música, além de estimular o córtex auditivo – local de processamento dos sons no cérebro –, também atuava nas texturas cerebrais associadas à emoção. “Com Mozart, o córtex inteiro se acende”, afirmou, na ocasião, Mark Bodner, um dos pesquisadores da equipe de Shaw. Posteriormente, foi verificado que somente as músicas de Mozart, entre outras músicas usadas como controle na pesquisa, ativavam áreas do cérebro envolvidas na coordenação mo-

tora, visão e outros processos mais sofisticados do pensamento.

Este trabalho se revelou como de grande valia científica, não somente por caracterizar o “efeito Mozart”, objeto da pesquisa, mas por abrir espaço a novas pesquisas. As investigações científicas recentes indicam que a música, usada como terapia, tem capacidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas, por favorecer o sono e a concentração mental; a memória e aprendizagem; a intuição e a criatividade. Reduz o estresse, fortalece a vitalidade, a imunidade e o sistema nervoso. Certos gêneros musicais apresentam resultados altamente favoráveis à recuperação da saúde do enfermo, quais sejam: a) composições musicais de Mozart; b) músicas barrocas – gênero musical existente nos séculos XVI e XVII; c) *Cantatas* de Johann Sebastian Bach (1685-1750) e as *Oratórias* (óperas sacras) de George Friedrich Händel (1685-1759); d) músicas pré-românticas – músicas eruditas que marcaram o período de transição entre o classicismo e o romântico; e) algumas partituras do compositor alemão Ludwig van Beethoven (1770-1827) e outras do austríaco Franz Peter Schubert (1797-1828).

A literatura espírita nos oferece vastas informações sobre a música, como apoio terapêutico ou entretenimento.

Somente na obra *Nosso Lar*, encontramos treze referências sobre o assunto, que tratam,

entre outros, da audição e percepção musicais; do trabalho dos músicos; dos diferentes tipos de instrumentos musicais; das músicas celestiais; dos “orientadores da Harmonia” que atendem os habitantes da Colônia; dos “embaixadores da Harmonia”, cujos acordes musicais são escutados apenas pelos que têm desenvolvida a audição espiritual; do “Campo da Música” – espaço cultural da Colônia dedicado à música; das clarinadas musicais de ocorrência comum na Colônia; dos aspectos intrigantes sobre os corais e coros; dos hinos para festejar eventos e, como não poderia deixar de ser, relatos sobre a musicoterapia. A propósito, na fase de recuperação dos sofrimentos vividos no Umbral, André Luiz foi especialmente beneficiado com o poder curativo da música em diferentes oportunidades, provocando-lhe renovação de suas energias espirituais.^{5,6} ■

Referências:

¹KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro, 2005. Questão 251, p. 187.

²_____. *Obras póstumas*. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, “Música espírita”, p. 200.

³*Idem, ibidem*.

⁴KARDEC, Allan. *Revista espírita*. Maio de 1861. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 240.

⁵XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3, p. 27-29.

⁶*Idem, ibidem*, cap. 17, p. 111-113.

Centenários esperantistas em 2006

AFFONSO SOARES

Neste ano, comemora-se o centenário de férteis iniciativas em prol da divulgação do esperanto no Brasil.

Até 1906, quando o esperanto estava para completar vinte anos de existência, as atividades dos adeptos em nosso país caracterizavam-se por um traço muito natural de toda atividade pioneira: não eram organizadas, manifestavam-se por iniciativas de indivíduos que lançavam as primeiras sementes amparados tão-somente em seu fervoroso idealismo, usando os recursos disponíveis nos meios que se lhes abriam por força de prestígios e talentos pessoais.

É assim que, compulsando o excelente registro do pioneiro esperantista Antônio Caetano Coutinho (1879-1970), intitulado “Notas sobre o Esperanto no Brasil, até 1906”, publicado na obra *Esperanto-Modelo*, da FEB, vemos desfilar os nomes de oradores, escritores, articulistas, artistas, professores que, fermentando os círculos sob sua influência, iam preparando o terreno para as belas florações esperantistas do futuro.

Dentre tantos ali mencionados, destaca-se a eminente figura de Medeiros e Albuquerque¹ que, em o número 76, de 15 de abril de 1898, da “Revista Brasileira”, dirigida por José Veríssimo,² faz publicar

¹José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (Recife, 1867 – Rio de Janeiro, 1934), jornalista, escritor, professor, político, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, autor da letra do Hino à proclamação da República.

²José Dias de Matos Veríssimo (Óbidos, 1857 – Rio de Janeiro, 1916), crítico e historiador literário, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

fecunda matéria sob o título “Uma língua internacional – Esperanto” em que, lançando um olhar sobre os projetos de língua universal anteriores ao esperanto, exalta a genial criação do Dr. Zamenhof. Brilha também nesse cenário o vulto do desembargador da Relação do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Jácome Martins Baggi de Araújo (? -1912), cujos folhetos de propaganda arrebanham para as fileiras esperantistas o literato brasileiro Artur Azevedo.³ É graças aos artigos de Artur Azevedo, em *O Paiz*, que Caetano Coutinho se deixa atrair pelos ideais esperantistas, vindo depois a tornar-se um dos mais ativos propagandistas da Língua Internacional, no Brasil.

Multiplicam-se os pioneiros, cresce a divulgação em artigos, discursos, manuais de ensino, cursos, e é nesse contexto que despontam astros da grandeza de João Keating (1868-1927), Tobias Rabello Leite (1852-1920) e Everardo Backheuser (1879-1951), os quais, por iniciativas de cunho associativo, fazem do ano de 1906 um marco na divulgação do esperanto no Brasil, pois até então *os esperantistas agiam isoladamente, sem uma associação comum para a organização de uma propaganda sistemática.*⁴

João Keating, professor de francês e italiano, e Tobias Leite, engenheiro de ferrovias, fundam em

³Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo (São Luís, 1855 – Rio de Janeiro, 1908), teatrólogo e contista, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

⁴Expressão colhida no verbete *Brazilo* (Brasil) da *Enciklopedio de Esperanto* (Enciclopédia do Esperanto), edição de 1979 da Associação Húngara de Esperanto, reimpressão da 1ª edição de 1933, publicada por *Literatura Mondo* (Mundo Literário).

Campinas, em 17 de março de 1906, o primeiro clube esperantista do Brasil, o “Suda Stelaro” (Constelação do Sul), cujo centenário vem sendo, desde março do corrente ano, condignamente comemorado pelos círculos esperantistas daquela cidade, onde, também sob a inspiração desse jubileu, realiza-se, de 13 a 19 de julho, o 41º Congresso Brasileiro de Esperanto.

No Rio de Janeiro, onde, ainda em 1906, Medeiros e Albuquerque obtinha dos círculos governamentais, na pessoa do Ministro Lauro Müller, a decisão, que por decreto, dava ao esperanto a condição de “língua clara para a telegrafia”,⁵ Everardo Backheuser iniciava, nos fins de maio daquele ano, um curso de esperanto nas páginas de *O Paiz*. Já de algum tempo o famoso periódico também publicava cursos de francês e inglês. O valor do esperanto começou a evidenciar-se após a 3ª e 4ª aulas, quando chegavam à Redação cartas de alunos com pouquíssimos erros, enquanto as redigidas em inglês e francês atingiam os respectivos professores repletas de erros, algumas praticamente ininteligíveis.

O sucesso animou Backheuser de tal forma que ele propõe a fundação de um clube de esperanto. A adesão foi tão entusiasmada que no dia 29 de junho de 1906, na própria sede do jornal, 100 adeptos se reúnem e fundam o “Brazila Klubo Esperanto”, cuja primeira diretoria era composta por Backheuser (presidente), Nuno Baena e Nerval de Gouvêia (vice-presidentes), Lauriano das Trinas (secretário) e Honório Leal (tesoureiro).

A ação do Brazila Klubo, ao longo de sua existência, foi invariavelmente fecunda, tanto pela promoção de conferências, cursos, em diversos e importantes círculos culturais, como também por lançar as bases sobre as quais se consolidaria o Movimento Esperantista no Brasil.

Foi certamente sob a influência positiva das atividades do BKE que, em abril de 1907, surge a “Brazila Revuo Esperantista” (Revista Esperantista Brasileira), realiza-se, em julho do mesmo ano, o 1º Congresso

Brasileiro de Esperanto, cuja abertura solene foi presidida pelo Ministro do Interior, Tavares de Lira, e, como decisão do próprio congresso, funda-se a “Brazila Ligo Esperantista” (Liga Esperantista Brasileira), atualmente “Brazila Esperanto-Ligo” (Liga Brasileira de Esperanto). A “Brazila Revuo Esperantista” torna-se órgão oficial da recém-fundada Liga e, em setembro de 1908, adota definitivamente o nome de “Brazila Esperantisto” (Esperantista Brasileiro).

O autor destas linhas teve a feliz oportunidade, nos primeiros anos da década de 60, de freqüentar reuniões do BKE, ali recebendo a fecunda e inesquecível influência de grandes esperantistas como Jozefo Joels, J. B. de Mello e Souza, Carlos Domingues, todos já falecidos, bem como de Jorge Campos de Oliveira e Floriano Pessoa que ainda militam com brilho nas fileiras do Movimento Esperantista brasileiro.

O “Brazila Klubo Esperanto”, após prestar, durante cerca de 80 anos, relevantes serviços à causa da Língua Internacional em nosso país, deixou de funcionar por volta de 1986, quando a sede da Liga Brasileira de Esperanto se transferiu para a Capital Federal, mas o elevado espírito de fraternidade, que sempre reinou em seus quadros e impregnava suas atividades, ainda influencia poderosamente os serviços do esperanto no Brasil, envolvendo nos mais nobres sentimentos a alma idealista das novas gerações que hoje conduzem os destinos da causa de Zamenhof em nossa terra.

Honra, glória e gratidão aos bravos pioneiros de 1906! ■

Bibliografia:

- BRAZILA ESPERANTISTO*, Rio de Janeiro, RJ: BEL, 1908. Coleção de 1956.
- ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO*, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, 1958.
- ENCIKLOPEDIJO DE ESPERANTO*, Budapest: HEA, 1979. p. 604.
- LAPENNA*, Ivo. *Esperanto en perspektivo*. Londres, Rotterdam: UEA, 1974. p. 844.
- BRAGA, Ismael Gomes. *Esperanto-modelo*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1991. p. 224.
- COURTINAT, Léon. *Historio de Esperanto*. Bellerive-sur-Allier, França: 1964-66. p. 1332, (3 volumes).
- PITON, James Rezende. *Notoj pri la historio de Esperanto en Brazilo*. Disponível em <http://www.aleph.com.br/kce/historio-b-02-eobrazilo.htm>. Acesso em 5 abr. 2006.

⁵A União Telegráfica Internacional só o faria 20 anos após a decisão brasileira.

Simbiose espiritual

MAURO PAIVA FONSECA

À semelhança de uma planta trepadeira, que se enroscando ou se agarrando a outra passa a nutrir-se dela, participando, de contínuo, dos acontecimentos de sua existência, há entre encarnados e desencarnados um processo de associação similar.

Quando agasalhamos anseios de natureza inferior, e continuamente mantemos na tela mental idéias de origem viciosa, irradiamos para o plano extrafísico da vida aquele desejo, estabelecendo uma verdadeira “varredura”. Deste modo, encontramos Espíritos que simpatizam com o mesmo objetivo, e que percebendo nossa “busca”, aproximam-se de nós, estabelecendo a parceria.

A quantidade de mentes desencarnadas ávidas de sensações físicas é muito grande. Espíritos ociosos, negligentes, baldos de fé e de conhecimentos sobre os princípios que orientam a vida, vivem perambulando entre os encarnados. Muitos tentam desesperadamente manter-se o mais possível ligados à vida material, da qual não en-

contram coragem para separar-se; outros carregaram para a vida além-túmulo os vícios a que se escravizaram na vida física, e que estão a reclamar satisfação. Alguns,

O simples fenômeno da morte não modifica o estado moral e intelectual de quem desencarna

inconformados pela decepção de não haverem encontrado o céu que esperavam, mas que nada fizeram por conquistar, tentam dominar as mentes fracas que se ajustam aos seus estados de mo-

ralidade desequilibrada. Com isto, procuram manter-se o mais próximo possível de um estado de vida material, numa espécie de desforço por sua decepção ao se verem frente a frente com a realidade que não esperavam.

O simples fenômeno da morte não modifica o estado moral e intelectual de quem desencarna, mas, ao contrário, faz o desencarnado sentir-se exatamente como sempre foi quando no corpo físico, razão por que a satisfação daqueles objetivos se torna imperiosa para o Espírito inferior. Assim, na medida em que são alimentadas fixações que interessem a ambos os parceiros, fica instituído um vínculo, criando-se a dependência mútua em que se comprazem, e que acaba por transformar-se em “necessidade”. Esta parceria, em geral, prolonga-se por tempo indeterminado, já que é estabelecida passiva e voluntariamente, embora sem que os parceiros percebam que são os próprios promotores daquela situação. O encarnado buscando continuamente alimentar-se

das forças inferiores do desencarnado, o qual, por sua vez, encontra nele a “ponte” para manter vivas as sensações físicas a que se escravizou.

Muitas vezes o vínculo é tão forte, e nos alimenta a insânia com tal intensidade, que a sua supressão repentina poderia provocar-nos a falência, quiçá a desencarnação. Esta simbiose, muito mais freqüente do que se possa imaginar, é a causa, em grande proporção, dos sofrimentos na crosta planetária, onde o homem pouco afeito às atividades espirituais elevadas prefere ignorar a realidade que o aguarda e render-se aos doces embalos dos gozos materiais e paixões mundanas, atendendo, com esta atitude, o desejo do parceiro desencarnado, e transferindo-lhe as sensações por ele esperadas.

Para chegar ao resultado desejado, o hóspede explora a invigilância do seu hospedeiro, não com a intenção de prejudicar, perseguir ou vingar, mas de alimentar seus anseios através dele, estimulando-lhe as fraquezas, que pro-

cura destacar, exaltando-lhe a vaidade e sugerindo-lhe um desculpismo complacente, sempre que a consciência, infalível guardiã, o advirta do erro e do perigo iminente.

Para romper os grilhões que prendem um ao outro, hóspede e hospedeiro, busquemos a Doutrina Espírita: ela nos ensina não haver outro meio de vencermos a influência de um Espírito inferior, senão nos tornando mais fortes do que ele. No “vigiai e orai”, o Cristo sintetizou a solução: orando, haurimos forças para resistir à tentação de nos rendermos; vigiando, nos policiaremos preventivamente, para evitarmos chegar ao estado de dependência. A chave para a solu-

ção do problema estará em manter-se a mente ocupada com assuntos de elevado conteúdo moral e intelectual, através da leitura, da freqüência a palestras, conferências e cursos e, paralelamente, dedicarmos-nos à prática do bem em todas as suas formas e expressões, o que além de desviar nosso pensamento para estados vibratórios mais elevados, também nos favorecerá com a assistência mais estreita dos bons Espíritos que, sempre atentos às nossas necessidades, procurarão estimular-nos os esforços, amparando-nos em momentos de vacilação e dúvida. ■



Educação e fé

INALDO LACERDA LIMA

Os homens que estudam o significado das palavras ou glossaristas definem educação como “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. A definição parece dizer tudo e, no entanto, ficamos na condição de quem escuta um discurso e ao final reclama: Será que compreendi?

Em Sociologia, educação é a boa conduta nos relacionamentos sociais. Para André Luiz, que temos como mestre, em seu *Conduta Espírita*, psicografado por Waldo Vieira, é “a vivência do bom comportamento social fundamentado no bom senso, que nos ajuda a discernir”. E o autor espiritual, ainda em sua “Mensagem ao Leitor”, na abertura do livro, afirma haver reunido algumas páginas em seu pequeno grande livro com indicações cristãs que nos permitam “burilar as nossas atitudes no campo espírita”, levando-nos a aprofundar raciocínios já que *atitude* não significa simplesmente uma postura do corpo, mas uma

disposição de espírito, isto é, mental. E é nesse sentido que, em se tratando de educação e fé, iremos cuidar neste trabalho.

Costumamos afirmar em nossas humildes exposições orais que o espírita é um ser diferente. Mas o dizemos só no recinto da Casa Espírita e falando para espiritistas,



tas, isto é, para aqueles que o são por convicção e fé e, ao mesmo tempo, se dispõem a assumir compromisso com a Doutrina em termos de simplicidade e humildade.

Tratando, então, de educação e fé, queremos salientar uma con-

duto cristã, que entendemos como dever de nos conduzir perante o mundo como perante o mundo manifestou-se o Cristo de Deus. Numa época difícil, de muita ignorância, e ante uma Humanidade ainda *adolescente*, apresentou-se com total humildade desde a manjedoura até o calvário. Não nos compete, portanto, apenas aparentar, mas demonstrar o que efetivamente sentimos em termos de fraternidade e à luz de uma consciência crística. É nesse sentido que o espírita precisa ser diferente.

Todavia, nos perguntamos: É isso fácil? Basta a compreensão de seguidores de Jesus para nos conduzir tal qual Ele nos ensinou a conduzir-nos? Não! Somos conscientes de nossas imperfeições. E o que nos move é efetivamente a fé viva em Jesus e o interesse numa conduta realmente espírita, já que o Espiritismo é a grande ciência do Espírito com amplos caracteres de religiosidade! Logo, para que tenhamos condição de superar nossas referidas imperfeições, é necessário manter, com apoio na fé, atitudes segu-

ras: eu devo, eu preciso, convém que eu seja socialmente fraternal para com todos.

A Doutrina nos ensina que “fé inabalável só o é a que pode encerrar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. Logo, não nos basta acreditar, mas saber se naquilo em que acreditamos repousa efetivamente a verdade. Quando a fé se reporta à crença em Deus, na sua existência, no seu poder e amor por todos nós, sentimo-la efetivamente inabalável! Entretanto, quando queremos ter efetiva confiança em nossa capacidade de superação de nossos defeitos e fraquezas, já aí nos sentimos enfraquecidos e desejosos de mais segurança, donde a exigência de um comportamento atitudinal da mente.

E vêm em nosso auxílio os *Mensageiros do Senhor*, aqueles que já

galgaram suficientes condições de superar as próprias incapacitações para o bem, o que faz André Luiz, advertindo-nos da necessidade de *burilar as nossas atitudes*, os nossos efetivos poderes mentais, a fim de nunca nos deixarmos entregues aos velhos hábitos de incerteza e insegurança, diante de certos desafios sociais.

Aprendemos que através da fé, e a propósito da educação, Deus estará sempre conosco. Mas aprendemos também que Ele não fará por nós aquilo que é de nossa competência. No entanto, não nos negará a inspiração necessária desde que saibamos manter sob vigilância constante as nossas atitudes, bem salientadas por Jesus, na parábola das virgens prudentes e das virgens loucas (Mateus, 25:13). Por conseguinte, uma coisa é ter fé e outra é sabermos manter

comportamento mental condizente com aquilo em que cremos. Deus jamais faltará àquele que se mantiver consciente de seus deveres e da vigilância de suas virtudes. Por isso é que ao espírita jamais deve faltar a conduta do verdadeiro seguidor de Jesus, mas sem vaidade, sem intenção de se mostrar em coisa alguma acima ou superior aos outros, que são nossos próximos e irmãos em Humanidade.

Através de tudo isso cresce e se aprimora, em nós, a educação. Quanto mais perseverantes neste realismo espiritual, mais ricos de experiências nos tornamos e mais vigorosa se apresenta em nosso Espírito a fé, uma vez que ela, em hipótese alguma, nos deixará sem o apoio da razão, que não é um estado imaginativo, mas uma realidade veraz. ■

XI Congresso Espírita Colombiano

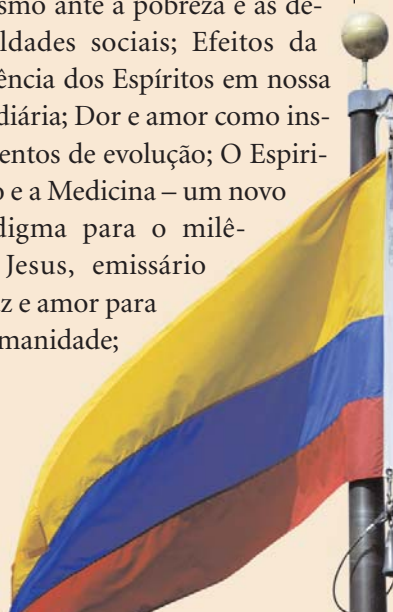
Realizou-se na cidade de Neiva, Departamento de Huila, no período de 12 a 15 de abril passado, o XI Congresso Espírita Colombiano, organizado pela Federação Espírita do Sul Colombiano e apoiado pela Confederação Espírita Colombiana, entidade representativa do Movimento Espírita daquele país.

Sob o tema de “Atualidade da Doutrina Espírita no Mundo Contemporâneo”, vários conferencistas nacionais e estrangeiros abordaram assuntos de grande atualidade para o momento em que vive-

mos, tais como: Visão materialista do mundo contemporâneo; O Espiritismo ante a pobreza e as desigualdades sociais; Efeitos da influência dos Espíritos em nossa vida diária; Dor e amor como instrumentos de evolução; O Espiritismo e a Medicina – um novo paradigma para o milênio; Jesus, emissário de paz e amor para a Humanidade;

Repercussões orgânicas das perturbações espirituais, além de programação cultural e artística, como poesia, música, fotografias, esculturas, pinturas e exposição de livros espíritas.

Todas as atividades se realizaram nas confortáveis dependências do Teatro “Cacique Pigoanza”, ao qual compareceram cerca de quinhentos congressistas. A Federação Espírita Brasileira se fez representar pelo seu secretário-geral, Evandro Noletto Bezerra. ■



Reunião da Comissão Regional Nordeste

A Reunião da Comissão Regional Nordeste, em seu vigésimo ano, desenvolveu-se de 7 a 9 de abril de 2006 nas dependências do Hotel Caiçara, em João Pessoa, Paraíba. Antes da abertura do evento houve uma visita coletiva à sede da Federação Espírita Paraibana



Abertura da Reunião: o presidente da Federativa anfitriã saúda as delegações visitantes

Sessão de Abertura

No dia 7, às 20 horas, ocorreu a Sessão de Abertura, iniciada pelo presidente da Federação Espírita Paraibana, José Raimundo de Lima, que fez a saudação aos componentes das Federativas visitantes e passou a palavra ao presidente da FEB, Nestor João Masotti, o qual cumprimentou os presentes, sendo a prece proferida pelo vice-presidente da FEB, Altivo Ferreira. A seguir, assumiu a direção dos trabalhos o coordenador das Comissões Regionais, Antonio Cesar

Perri de Carvalho, que convidou os presidentes das Federativas a apresentarem suas equipes, e fez a apresentação da equipe da FEB. Compareceram todas as Entidades Federativas da Região: Sebastião Geraldo da Silva (Federação Espírita do Estado de Alagoas), Creuza Santos Lage (Federação Espírita do Estado da Bahia), Olga Lúcia Espíndola Freire Maia (Federação Espírita do Estado do Ceará), Ana Luiza Nazareno Ferreira (Federação Espírita do Maranhão), José Raimundo de Lima (Federação Espírita Paraibana), Waldeck Atade-

mo (Federação Espírita Pernambucana), Ornálio Bezerra Monteiro (Federação Espírita Piauiense), Sandra Maria Borba Pereira (Federação Espírita do Rio Grande do Norte) e Júlio César Freitas Góes (Federação Espírita do Estado de Sergipe).

Houve a exposição da Proposta de Comemorações do Sesquicentenário do Espiritismo, durante o ano de 2007, por Creuza Santos Lage e Sônia Maria Arruda Fonseca, representantes da Região na Comissão nomeada pelo CFN. Nesta proposta se inclui a promo-



Sessão de Abertura: Plenário constituído pelos integrantes das Federativas da Região

ção do 2º Congresso Espírita Brasileiro, em Brasília, de 12 a 15 de abril de 2007. Em seguida, estabeleceu-se um diálogo com o Plenário, havendo perguntas e sugestões sobre a referida proposta. A reunião foi encerrada com uma prece.

Reuniões Setoriais

Ocorreram, simultaneamente, com início na manhã de sábado (dia 8), as seguintes Reuniões Setoriais: a) dos Dirigentes das Entidades Federativas; b) da Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita; c) da Área da Atividade Mediúnica; d) da Área da Comunicação Social Espírita; e) da Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita; f) da Área da Infância e Juventude; e g) da Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

Reunião dos Dirigentes

Realizou-se no sábado a Reunião dos Dirigentes, tendo comparecido os presidentes e representantes das Entidades Federativas de todos os Estados da Região

Nordeste, já mencionadas; da FEB participaram: o presidente Nestor João Masotti, o vice-presidente Altivo Ferreira; o coordenador das Comissões Regionais Antonio Cesar Perri de Carvalho, o secretário-geral Evandro Noletto Bezerra, o assessor José Antonio Luiz Balieiro e os integrantes da Secretaria Geral do CFN, Ricardo Silva e Roberto Fuina Versiani.

Feita a prece de abertura dos trabalhos, foram discutidas e aprovadas a Ata da reunião anterior e a Pauta desta reunião. Foi justificada a ausência do secretário da Comissão Regional, Francisco Bispo dos Anjos, havendo várias manifestações em reconhecimento pelo seu trabalho na Região.

Na seqüência, José Antonio Luiz Balieiro fez uma apresentação sobre a forma de atuação da FEB no mercado livreiro e apresentou proposta de ação junto às Entidades Federativas, havendo considerações do presidente Nestor e informações acerca da participação da FEB na 19ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

O assunto da reunião anterior – “Preparar o Centro Espírita para interagir no processo federativo, na sua condição de unidade fundamental do Movimento Espírita” – foi analisado por todos com relatos de ações em seus Estados e sobre o Curso de Formação de Trabalhadores da Unificação, realizado em Recife, nos dias 24 e 25 de



Reunião dos Dirigentes: Mesa Diretora e dirigentes das Federativas

setembro de 2005, por esta Comissão Regional.

Cada Entidade Federativa informou sobre o andamento do Curso de “Capacitação Administrativa de Dirigentes de Centros Espíritas”, em seus Estados, seguindo-se uma apresentação de Roberto Fuina Versiani acerca dos conteúdos adotados, principalmente nos novos Seminários sobre o referido Curso.

O coordenador da reunião solicitou a colaboração dos presentes para se elaborar o perfil do secretário da Comissão Regional, levando-se em conta o Projeto “Organização da Secretaria Geral do CFN”, aprovado na Reunião de 2001. Esclareceu-se que, com base nesse perfil, ocorrerão as renovações dos secretários das Comissões Regionais. Em seguida, o coordenador fez um relato sobre o andamento das Campanhas *Viver em Família*, *Em Defesa da Vida* e *Construamos a Paz Promovendo o Bem!*.

Ao final da reunião e conjun-



tamente com os participantes da Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, houve apresentação por Ricardo Silva do tema “O Centro Espírita e o Terceiro Setor”, suscitando perguntas e respostas.

A próxima Reunião da Comissão Regional Nordeste, no dia 12 de abril de 2007, será realizada em conjunto com as demais Comissões Regionais, antecedendo a abertura do 2º Congresso Espírita Brasileiro, em Brasília. O te-

ma para esta reunião será definido conjuntamente com as demais Comissões Regionais.

Sessão Plenária

Na manhã de domingo (dia 9), desenvolveu-se esta Sessão, iniciando-se com a prece de abertura e os esclarecimentos, pelo coordenador, sobre a nova metodologia, atuando-se em estilo de mesa-redonda, onde cada representante de Área fez uma apresentação sintética acerca do tema discutido e suas conclusões e indicação do tema para a próxima reunião; seguiu-se um momento de participação do Plenário, com perguntas e respostas. Eis os relatos dos trabalhos realizados nas seguintes reuniões setoriais:

Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada por Maria Euny Herrera Masotti – Assunto da reunião: “Técnicas de sensibilização e treinamento dos trabalhadores da Área do Atendimento Espiritual, visando



a qualidade da tarefa”. Tema para a próxima reunião: “*O Livro dos Espíritos – Leis Morais em Busca do Homem de Bem*”.

Área da Atividade Mediúnica, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com a colaboração da assessora Edna Maria Fabro. Assunto da reunião: “Minitreinamento sobre a Dinâmica da Manifestação dos Espíritos na Reunião Mediúnica”. Tema para a próxima reunião: “A Mediunidade em *O Livro dos Espíritos – Comissão Nordeste: A Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal*”.

Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba. Assunto da reunião: “Formação de equipe e treinamento para otimização da Comunicação Social Espírita”. Informou-se sobre o “Encontro Nacional de Comunicadores Espíritas”, de 20 a 23 de julho de 2006, em Brasília, com o tema “Integrar para Dinamizar”. Tema para a próxima reunião: “Planejamento estratégico da Comunicação Social Espírita”.

Área de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Elzio Antônio Cornélio, representando a vice-presidente Cecília Rocha. Assunto da reunião: “Censo; Interiorização; Minicurso”. Tema para a próxima reunião: “A Contribuição do Estudo Sistematizado na Construção de um Mundo Melhor”.

Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com assessoria de Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi. As-



suunto da reunião: “Acompanhamento da execução dos Projetos elaborados no IV Encontro de Diretores de DIJ, com foco na interiorização das ações de Evangelização”. Tema para a próxima reunião: “Os 150 anos da Doutrina Espírita e a Evangelização Infanto-Juvenil”. Informou-se que será realizado o “V Encontro Nacional de Diretores de DIJ”, em julho de 2007, em Brasília.

Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com assessoria de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira. Assunto da reunião: 1) Realização de cursos intensivos de capacitação de trabalhadores para as atividades do SAPSE; 2) O SAPSE nas Campanhas *Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construamos a Paz Promovendo o Bem!*. Tema para a próxima reunião: “O SAPSE e as Questões Morais de *O Livro dos Espíritos*”, com subtemas relativos ao idoso, trabalho e geração de renda, dependên-

cia química e educação na área assistencial.

Dirigentes das Federativas: Júlio César Freitas Góes, presidente da Federação Espírita do Estado de Sergipe, mencionou os principais assuntos tratados nessa reunião.

Em seguida, o coordenador enfatizou a proposta de Comemorações do Sesquicentenário do Espiritismo, em 2007, e as Campanhas *Família, Vida e Paz*. A palavra foi aberta ao Plenário, que se manifestou com perguntas e sugestões, destacando a importância dessa modalidade de trabalho com a participação de todas as áreas.

Encerrando os trabalhos, ocorreram manifestações de despedida dos presidentes das Entidades Federativas; o coordenador agradeceu a colaboração de todos e passou a palavra ao presidente da FEB, e depois a José Raimundo de Lima, presidente da Entidade Federativa anfitriã, que prestou algumas homenagens a dirigentes da FEB e proferiu a prece de encerramento. ■

● **Espiritismo no Amazonas**

A campanha *Vamos Construir a Casa sobre a Rocha*, promovida pela Federação Espírita Amazonense, reuniu, todos os meses, expositores de outros Estados. Em fevereiro, Magaly Andrade (RJ) trabalhou, com os jovens, o tema “Caminhando com Jesus”; em março, Alberto Ribeiro de Almeida (PA) falou sobre “Violência e Paz”; em abril, Francisco do Espírito Santo Neto (SP) fez palestra sobre “Auto-estima. Viva em paz consigo mesmo” e, no Encontro de Trabalhadores, tratou do tema “Vamos construir a casa sobre a rocha”; em maio, Jason de Camargo (RS) falou sobre “Educação dos Sentimentos”.

● **Porto Alegre (RS): Livro sonoro**

Novidade para estudo e conhecimento do Espiritismo entre deficientes visuais. Está em funcionamento a Fitoteca Circulante Bezerra de Menezes, com apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, distribuindo mais de 450 títulos de palestras e livros espíritas em fita cassete. O material, com veiculação gratuita, pode ser recebido mediante um cadastro no [site www.fergs.com.br](http://www.fergs.com.br) Informações: (51) 681-5632, 4349-6943, 3337-0457 ou 9999-0603.

● **Paraguai: Semana Espírita**

O Movimento Espírita Paraguaio promoveu em Assunção, de 16 a 23 de abril, uma Semana Espírita dedicada ao tema “A Família, a Vida e... a Paz”, desdobrada em palestras com abordagem sobre *Respeitemos a Vida – Drogas, não!; Violência, não!; Aborto, não! e Construíamos a Paz Promovendo o Bem!*. Divaldo Pereira Franco proferiu conferência no dia 18 sobre: “É melhor viver em família, aperte mais este laço”.

● **Paraná: Curso Ciência e Espiritismo**

A Associação Médico-Espírita do Paraná iniciou no mês de março o curso *Ciência e Espiritismo*, aberto ao público interessado. Em abril foi feito um debate sobre o filme *O que você pensa que sabe*, e também um Simpósio da AME-PR, no dia 29, com o médico

homeopata Alan Archetti. Em 10 de maio houve debate em torno do tema “Psico-neuroendócrino-imunologia”. Mesa-redonda em 7 de junho, com conclusões retiradas dos trabalhos dos meses anteriores.

● **Livros para Complexo Penitenciário**

Com o objetivo de levar o hábito da leitura aos presidiários do Complexo Penitenciário da Papuda, o Centro Espírita André Luiz (CEAL), localizado em Brasília (DF), iniciou uma campanha de arrecadação de livros espíritas novos ou usados, para montar a biblioteca daquele Complexo Penitenciário. As doações podem ser encaminhadas ao CEAL, no Guará (QE 16, Área Especial). Telefone: (61) 3568-8629.

● **Portugal: Semana Espírita**

A Semana Espírita de Portugal, realizada de 16 a 23 de abril passado, contou com a presença de Divaldo Pereira Franco, que fez uma palestra, no dia 18, sobre o tema “É melhor viver em família, aperte mais este laço”. O tema central do evento – “A Família, a Vida e a Paz” – foi desenvolvido também por outros palestrantes, que levantaram a bandeira contra o aborto, a eutanásia, as drogas, a violência e o suicídio.

● **Homenagens a O Livro dos Espíritos**

Paraná: A Assembléia Legislativa do Estado do Paraná realizou no dia 18 de abril, às 18 horas, uma Sessão Solene pela passagem dos 149 anos da edição de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, por proposição dos deputados André Vargas e Marcos Valente Isfer. A cerimônia foi prestigiada com a presença da Federação Espírita do Paraná e de várias instituições espíritas, através de seus dirigentes e trabalhadores.

Rio de Janeiro: Os 149 anos de *O Livro dos Espíritos* foram objeto de homenagem da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em Sessão Solene no dia 18 de abril, às 18 horas, com a presença de representantes do Movimento Espírita de todo o Estado, havendo palestra de César Soares dos Reis.

Sugestões de Presente

Romances mediúnicos que revelam a intensidade dos laços fraternais mesmo após a morte do corpo físico.



Francisco Cândido Xavier,
pelo Espírito Emmanuel
456p. 14x21cm

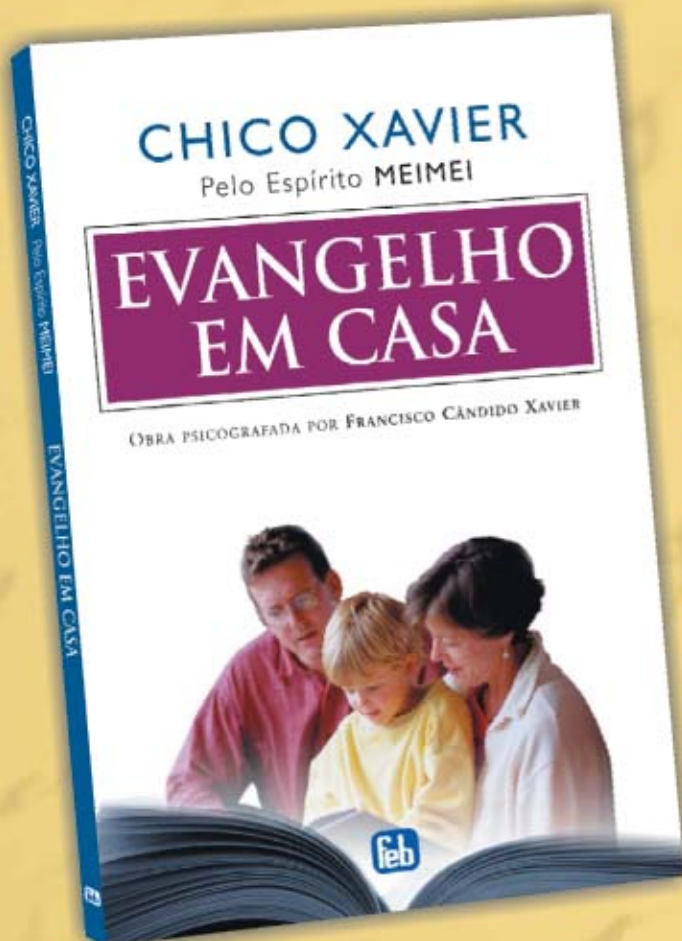


Francisco Cândido Xavier,
pelo Espírito André Luiz
256p. 14x21cm



Yvonne A. Pereira,
pelo Espírito Charles
440p. 14x21cm

Relançamento



Psicografado pelo médium Chico Xavier, *Evangelho em Casa* é um livro direcionado ao público infantil que demonstra o benefício da prática do Evangelho no Lar.

Autor: Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Meimei

Páginas: 80 Formato: 16x23cm